



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Relatório
da Prática de Ensino Supervisionada
em Ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

As relações humanas
como suporte para um ambiente criativo

Ricardo Jorge Mendonça Teixeira Crista

Orientador: Professor Doutor Leonardo Charréu

“Este relatório não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

Évora 2012

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
para a obtenção do grau de *Mestre*
em Ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário
realizada na Escola EB 2,3/S Cunha Rivara em Arraiolos e na
Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz.**

Ricardo Jorge Mendonça Teixeira Crista

“Este relatório não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

**Orientador da Universidade:
Professor Doutor Leonardo Charréu**

**Professores Cooperantes das Escolas:
Luís Silva
Domingos Isabelinho**

Agradecimentos

Ao professor orientador Leonardo Charréu, pela disponibilidade, orientação cuidada, motivação, rigor e paciência.

A todos os professores deste mestrado, por me ajudarem a crescer enquanto aluno.

Aos professores cooperantes Luís Silva e Domingos Isabelinho por me ter cedido as suas turmas e apoiado nos dois semestres de “Iniciação à Prática Profissional”.

Aos alunos do 7º e 12º ano, pelo empenho com que participaram nestas unidades didáticas.

Ao meu Amor e também companheira de núcleo de estágio Rita Melo, pelo percurso desenvolvido por ambos e força incondicional que sempre me deu.

À minha família na construção da minha identidade.

Ao nosso pequeno Tiago, peço desculpa pelos tempos que perdi nestes dois primeiros anos de vida que não pude estar presente devido à conclusão do mesmo.

INDICE

Introdução	9
Capítulo I	10
As relações humanas como suporte para um ambiente criativo	10
1.1. Fundamentação teórica.....	11
1.2. Relacionamento pessoal.....	17
1.3. Avaliação.....	18
1.4. Abertura e liberdade de escolha	20
1.5. Discussão	20
1.6. Reflexão	22
Capítulo II	23
Relatório de Prática Supervisionada	23
2.1. Pratica Supervisionada.....	23
2.1.1. EB 2,3/S Cunha Rivara.....	24
2.1.2. Primeiro contacto 21 de Setembro de 2011.....	24
2.1.3. Caracterização da Escola.....	25
2.1.4. O Professor Cooperante.....	27
2.1.5. Sala de Aula	27
2.1.6. Turma do 7º ano.....	28
2.1.7. Enquadramento das Unidade Leccionada.....	28
2.1.2.1. Descrição sumária das aulas	30
2.1.2.2. Observação de Aulas.....	30
2.1.2.3. Unidades didácticas.....	31
2.1.2.4. - 3º Aula – 19 de Outubro de 2011	32
2.1.2.5. - 4ºAula – 2 de Novembro de 2011.....	35
2.1.2.6. - 5º Aula – 9 de Novembro de 2011	36
2.1.2.7. - 6ºAula – 16 de Novembro de 2011	37
2.1.2.8. - 7ºAula – 23 de Novembro de 2011	40
2.1.2.9. - 8ª Aula 7 de Dezembro de 2011	41

2.1.2.10. - 9ª Aula – 14 de Dezembro de 2011	42
2.1.3. Avaliação das Unidades	43
2.2. Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz	45
2.2.1. Primeiro Contacto 17/02/2012	45
2.2.2. Caracterização da Escola	46
2.2.3. Sala de Aula	48
2.2.4. Caracterização da turma	49
2.2.5. Enquadramento da unidade leccionada	50
2.2.6. Descrição sumária das aulas	52
2.2.9. Avaliação das Unidades	70
Conclusão	73
Referências Bibliográficas	75
ANEXOS	78
(Anexo 1; 3; 6; 8; 10; 13; 15; 17 e 19 ver em CD-ROM)	78
ANEXO 2 Planificação "A Janela e o Tempo"	79
ANEXO 4 Imagens Insectos	80
ANEXO 5 Planificação "A Forma e a Proposta"	82
ANEXO 7 Enunciado "A Forma e a Proposta"	84
ANEXO 9 Planificação "A Forma e a Proposta II"	85
ANEXO 11 Enunciado "Banda Desenhada"	86
ANEXO 12 Material didáctico "Pranchas"	87
ANEXO 14 Planificação "Olhar é seguramente diferente de ver"	88
ANEXO 16 Planificação "Traçados Ordenadores"	89
ANEXO 18 Enunciado "Traçados Ordenadores"	90

APÊNDICES	91
(Apêndice VI; VII e X ver em CD_ROM)	91
APÊNDICE I – Planificação inicial.....	92
APÊNDICE II – Planificação final	93
APÊNDICE III – Inquérito aos alunos.....	94
APÊNDICE IV – Enunciado	105
APÊNDICE V – Excerto Franz Kafka	106
APÊNDICE VIII – Caracterização de turma.....	107
APÊNDICE IX – Planificação	109

INDICE DE FIGURAS

Figura I (www.projecto7d.weebly.com).....	33
Figura II (gavetas de recursos).....	34
Figura III (gaveta de Aluno).....	35
Figura IV (O Ponto – ex. de exercícios desenvolvidos e publicado pelos alunos).....	36
Figura V (Insecto escolhido pelos alunos)	38
Figura VI (Fragmentos do “insecto” executado pelos alunos)	39
Figura VII (resultado final)	40
Figura VIII (Frame da animação visionada).....	41
Figura IX (Banda desenhada criada)	42
Figura X (Projecto 3D da feira de escolas - vista aérea).....	53
Figura XI (Projecto 3D da feira de escolas – vistas).....	54
Figura XII (Painel I criado para Feira de Escolas)	56
Figura XIII (Painel II e III criado para Feira de Escolas).....	56
Figura XIV (Feira de Escolas).....	57
Figura XV (Feira de Escolas).....	58
Figura XVI (Projecto de Painel Publicitário).....	59
Figura XVII (Painel Publicitário criado para a Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel).....	59
Figura XVIII (www.desenho12.weebly.com).....	60

Figura XIX (Gavetas de recursos e actividades existentes no site criado).....	63
Figura XX (Link´s dos blogues dos alunos)	64
Figura XXI (Diapositivo de sequência)	68
Figura XXII (Aula de Traçados Ordenadores).....	69
Figura XXIII (Aula de Traçados Ordenadores)	70

INDICE DE QUADROS

Quadro 1 (Avaliação Sumativa)	44
Quadro 2 (Avaliação Formativa)	45
Quadro 3 (Instrumentos de avaliação)	71
Quadro 4 (Atitudes e valores)	71
Quadro 5 (Competências e Saberes)	72

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
para a obtenção do grau de
Mestre em Ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário**

Resumo

Elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, o presente relatório pretende dar a conhecer os aspectos inerentes à prática desenvolvida no ano lectivo de 2011 / 2012 nas Escolas EB 2,3/S Cunha Rivara e Secundária Rainha Santa Isabel.

O relatório integra um tema aprofundado: “As relações humanas como suporte para um ambiente criativo” e compreende cinco partes: Preparação científica, Pedagógica e Didáctica; Planificação, Condução de Aulas e Avaliação de Aprendizagens; Análise da Prática de Ensino; Participação na Escola e Desenvolvimento Profissional.

Possui ainda dez apêndices finais com informação citada e evidências significativas das actividades desenvolvidas na escola.

**Report of the Supervised Teaching Practice
to achieve the Master´s Degree in
Teaching of the Visual Arts
at the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education**

Abstract

This *Report* was prepared to achieve de Master Degree on *Teaching of the Visual Arts in the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education*, and it is focused in the teaching practice developed in BS 2,3/S Cunha Rivara and Secondary Rainha Santa Isabel Schools, during the academic year 2011/2012. The report includes a deepened theme “Human relations as a support for a creative environment” and five chapters: Scientific, Educational and Teaching Preparation; Planning, Conducted Lessons and Learning Evaluation; Teaching Analysis; Participation in School Activities and Professional Development.

It also includes ten final appendices with quoted information and significant evidence of the schooling activities.

Introdução

O presente Relatório, no âmbito da disciplina de Prática de Ensino Supervisionado do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo e Ensino Básico e no Secundário da Universidade de Évora, numa primeira fase transcreve a pesquisa a nível das relações como suporte para um ambiente criativo, este estudo investiga como a relação e o ambiente é importante para a capacidade criativa do aluno. Centra-se fundamentalmente em actividades e esforços para criar bom relacionamento professor-aluno, a desvalorização da avaliação estandardizada e incentivos de múltiplas perspectivas em ambientes criativos. Seguidamente relato a prática de ensino, nas suas variadas vertentes, desenvolvida num primeiro semestre com uma turma de Educação Visual do 7º ano da EB 2,3/S Cunha Rivara em Arraiolos e no semestre seguinte a uma turma de Desenho do 12º ano de escolaridade da Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz.

A actividade docente efectuada na Escola Cunha Rivara abrangeu as explorações plásticas bidimensionais, o desenho e as tecnologias da imagem, intituladas como “A Janela e o tempo” e a “Forma e a Proposta”. No seguinte semestre foi leccionada a unidade didáctica traçados ordenadores, conforme o currículo da disciplina de Desenho A, do Curso Científico Humanístico de Artes Visuais, os processos de síntese em “Olhar é diferente de ver”. Descrevo também o projecto desenvolvido, em parceria com a minha colega de núcleo de estágio Rita Melo, relacionado com a cooperação da Direcção da mesma escola.

Capítulo I

As relações humanas como suporte para um ambiente criativo

A criatividade é um elemento importante em relação à educação e à sociedade em crescimento. Como o grau de complexidade e a quantidade de informação da nossa sociedade continuam a aumentar, os problemas da sociedade exigem soluções mais criativas. Por esta razão, todos os sectores da sociedade estão exigir mais pensamentos de forma crítica e criativa. Embora este importante conceito não tenha sido universalmente definido, Gandini parece captar a essência da criatividade, definindo-a como "a produção de pensamentos novos, soluções ou produtos com base no conhecimento e experiência anterior" (Cole *et al.*, 2011).

Em termos de educação, a criatividade é um elemento essencial necessário para a aprendizagem. Starko (1995) sugere que a aprendizagem é um processo criativo que envolve os alunos tornando as informações pertinentes por ligar o conhecimento prévio ao conhecimento novo num formato individual significativo de conhecimento, Starko (1995) atribui a esse "significado" um papel importante para a criatividade do indivíduo (citado por Cole *et al.*, 2011). Infelizmente, a maioria dos ambientes escolares suprimem activamente a capacidade de expressão criativa dos alunos. (Cole *et al.*, 2011), afirmam que os professores muitas vezes são mal formados para desenvolver, apoiar, ou avaliar a criatividade dos alunos. (Shaughnessy e Evans, 1987) confirmam que os estudantes criativos muitas vezes perdem o seu potencial criativo. Se a educação se esforça para preparar os alunos para uma vida produtiva em sociedade, o sistema educacional deve aceitar a responsabilidade de apoiar e desenvolver a criatividade. A finalidade deste estudo é analisar as características, compreendendo um ambiente de sala de aula como apoio para a criatividade. Dentro deste âmbito, foco o papel do professor na criação deste ambiente de apoio.

1.1. Fundamentação teórica

Os alunos são incentivados a participar de forma activa na construção de um ambiente propício à criatividade. A participação activa e o desenvolvimento da sua autonomia, não se reflecte apenas ao nível do desenvolvimento moral, é uma preocupação de toda a pedagogia Freinetiana, que se expressa claramente na organização do trabalho da turma e nos novos instrumentos e técnicas que nela introduz.

Shaughnessy (1987) recomenda um clima educacional composto por comunicação, consistência, consenso, clareza, coerência, consideração, preocupação, compromisso, cuidado e cooperação.

O modelo curricular High/Scope sustenta que *“a criação de um clima de apoio interpessoal é essencial para a aprendizagem activa, porque esta é, basicamente, um processo social interactivo”* (Hohmann e Weikart, 1997).

Além do desenvolvimento do potencial criativo dos alunos, do ambiente e dos procedimentos pedagógicos propícios à criatividade, para se ter alunos criativos é preciso que o professor seja formado percebendo a importância da criatividade no contexto actual e que receba na sua formação conhecimentos sobre diversas técnicas e procedimentos que poderá adoptar no seu método de ensino. A pesquisa mostra que em ambientes que incentivem a autonomia, a permissão de riscos e motivação intrínseca são mais favoráveis para a criatividade.

Conforme Lubart (2007) *“os professores transmitem implicitamente aos alunos as suas atitudes e suas preferências pela maneira como organizam as suas aulas”*. Isso significa que professores criativos são catalisadores do potencial criativo dos seus alunos, pois promovem um clima em sala de aula propício à criatividade. Assim sendo, se houver um olhar criativo nas três direcções, aluno, professor e escola como organização, o contexto educacional formará cidadãos mais criativos, com a mente mais aberta à solução de problemas, mais conscientes e que possam enfrentar os desafios do mundo actual. Com isso, estará a contribuir para o desenvolvimento e o progresso dos cidadãos, tornando o desenvolvimento sustentável mais viável.

O envolvimento pode ser identificado através de um conjunto de sinais: concentração, persistência, energia física e mental, complexidade, criatividade, expressão facial, postura, precisão e tempo de reacção a estímulos (Laevers, 1994).

Ao criar este tipo de ambiente, é pressuposto que os professores incentivem os alunos ao pensamento criativo, à tolerância de divergência, ao incentivo de confiança nos seus próprios pensamentos, realçar a capacidade de criatividade.

Gundry (1992), Felder e Brent (2001) e Rueda (1992), mais recentemente na prática da pesquisa em ambientes virtuais de aprendizagem (Tarouco *et al.* 2003) favorecem através de dinâmicas de grupo, tal como o brainstorming, entre outras, são estímulos para o pensamento criativo. Ao nível da sala de aula, o brainstorming é uma técnica muito divulgada na dinâmica de grupos com o objectivo de resolução de situações problema ou o debate de questões polémicas pelo contributo/debate das ideias de todos os elementos de um grupo/turma. Em termos de investigação educativa estão reportadas diversas utilizações desta metodologia em actividades de aprendizagem cooperativa. Traduzido à letra, o termo remete-nos para a ideia de exercício do cérebro e na prática o objectivo é esse mesmo já que, num grupo, a ideia que um dos alunos tem pode despoletar a de outro, fazendo com que todos ampliem a capacidade normal de pensar sobre um determinado assunto ou questão (Mullen *et al.*, 1991).

Vários artigos e livros procuram processos de aprendizagem para a criatividade em sala de aula, mas poucos salientam sobre a importância de relações professor-aluno num ambiente criativo. Pois, se houver um bom ambiente é evidente que permanece em sala de aula uma excelente relação entre o docente e os discentes

Morganett (1995) assegura que a relação professor-aluno pode incentivar os alunos a serem activos em sala de aula, com isso, essa relação beneficia a criatividade. Além disso, a criatividade pode ser estimulada pela relação positiva, como sugerido em (Cole *et al.* 2011), Freire (1996), Abreu e Masetto (1990) e Lopes, (1991) que relataram que as relações professor-aluno são

extremamente importantes para o desenvolvimento do aluno, independentemente do contexto de sala de aula.

Numa investigação qualitativa sobre o ensino criativo e de aprendizagem, Torrance e Myers (1970) concluíram que quando os professores criam aos alunos um ambiente compreensivo de sala de aula, os mesmos ficam mais predispostos para a expressão criativa e a partilha de ideias. O ambiente de sala de aula compreensivo é otimizado quando os professores são benevolentes para perguntas fora do comum, condescendentes com ideias criativas e inusitadas, mostrando que as ideias dos alunos têm valor. Ocasionalmente têm alunos a fazer algo, autonomamente, sem a ameaça de avaliação. Com base nesses estudos, quatro assuntos emergem de introspecção sobre a importância das relações professor-aluno num ambiente de sala de aula criativa: (I) Percepções e Expectativas, (II) Comunicação, (III) Experiências Pessoais e (IV) Actividades Sala de Aula.

(I) Percepção e expectativas

Branco (2004) relata que, independentemente de serem reais ou distorcidas, as percepções, suposições, expectativas e atitudes de impacto revelam-se no comportamento de construção da relação professor-aluno. Equívocos do aluno também podem funcionar como um factor inibidor na construção de relações (Branco, 2004; Torrance e Myers, 1970). Portanto, é imperativo que as relações professor-aluno sejam tratadas directamente, isto é, sem percepções nem expectativas, afastando o efeito Pigmalião¹. Hutchinson e Beadle (1992), entretanto, relatam que os professores muitas vezes transmitem as suas expectativas através de sinais não-verbais não intencionais e que os alunos desconhecem muitas vezes essas expectativas (Cole *et al.*, 2011). Para exemplo, Branco (2004) constatou que os professores esperam que os alunos, principalmente de fim do secundário e universitários, sejam auto-motivados e

¹ O mito de Pigmalião, como outros, traduz um elemento do comportamento humano: a capacidade de determinar os seus próprios rumos, concretizando planos e previsões particulares ou colectivas. Em Psicologia deu-se o nome de Efeito Pigmalião ao efeito das nossas expectativas e percepção da realidade na maneira como nos relacionamos com a mesma, como se realinhássemos a realidade de acordo com as nossas expectativas em relação a ela.

auto-suficientes. Se o professor não avalia o aluno desta forma, o aluno é considerado "passivo" ou "difícil de trabalhar". Esta percepção pode, ou não, ser uma interpretação precisa do aluno, mas ainda tem um impacto negativo sobre a relação professor-aluno. Carter (1992) diz que os professores devem reconhecer as suas próprias limitações que possam impedir a sua vontade para estabelecer relações professor-aluno, especialmente num ambiente criativo.

Uma solução mais saliente é a comunicação directa e intencional. Branco (2004) e Torrance e Myers (1970) sugerem que a discussão de regras e expectativas de informação em sala de aula será positivo no impacto dessa mesma percepção e expectativa. Assim, torna-se imperativo que a comunicação seja entendida e utilizada nos mais variados momentos.

(II) Comunicação

Rabaça e Barbosa (2002) afirmam que "os professores podem *ligar* ou *desligar* os alunos pelos seus estilos de comunicação". Eles também sugerem que o estilo de comunicação do professor é relacionado com a realização e satisfação do aluno. Como têm descrito, a comunicação na sala de aula inclui feedback direccionado, questionado e explicado. Outras formas de comunicação são importantes, mas o feedback imediato e feedback concedido, tende a maior impacto (Rabaça e Barbosa, 2002). Morganett (1995) sugere aos professores, quando apropriado, uma crítica positiva realizada individualmente no decorrer dos exercícios. Essa prática irá impulsionar um ambiente confortável e seguro que irá reforçar a partilha de ideias e pensamentos criativos. Afirma, também, que os professores possam reconhecer o esforço e o comportamento cooperativo, que também irá promover o ambiente de sala de aula. Este ambiente acolhedor incentiva os alunos a confiar em si e nos colegas (Shaughnessy, 1987). Morganett (1995) afirma que os professores devem comunicar que se preocupam com os alunos quer como indivíduos, quer como turma. Os alunos gostam de saber que os professores têm interesse neles e que se preocupam pessoalmente com eles. Morganett (1995) afirma que este interesse pessoal é importante na construção de relações professor-

aluno, pois "quando nós [pessoas, professor, ou alunos] nos sentimos aceites pelos outros, temos a sensação de que eles se preocupam connosco (...) estamos mais propensos a cooperar com eles e a tentar agradá-los".

(III) Experiências Pessoais

Cole *et al.* (2011), Morganett (1995) e Shaughnessy (1987) relataram que, quando os professores partilham experiências pessoais e permitem que os alunos também o façam, estes têm mais interesse em relacionar-se com o professor e com a disciplina. Complementando, Wilson *et al.* (1974) refere que quando os alunos são capazes de relatar as suas experiências pessoais para o conteúdo do curriculum, eles tendem a ser mais activos no processo de aprendizagem. Carter (1992) cita Gandini, afirmando que "*uma das premissas da criatividade é que o processo de conhecimento encontra conexões com o processo de expressar o que é conhecido*", o que implica que os alunos são mais capazes de se expressar quando têm a possibilidade de relacionar os seus conhecimentos com as suas experiências.

Morganett (1995) sugere cinco simples exemplos de experiências pessoais, que poderão ser utilizados para beneficiar a relação professor-aluno em sala de aula.

Primeiro, no início ou no final da aula, sugere que peça aos alunos assuntos sobre acontecimentos actuais vistos em revistas, jornais, artigos, etc. ou acontecimentos pessoais que poderiam ser ligados para o conteúdo da aula. Em segundo lugar, sugere usar o tempo de trabalho durante a aula para conversar com os alunos individualmente sobre o seu trabalho ou mesmo assuntos pessoais.

Durante este tempo, Morganett (1995) sugere que dar, pelo menos, um comentário positivo durante o desenvolvimento do exercício promoverá as relações professor-aluno. Terceiro aproveitar a oportunidade para elogiar de um modo geral os exercícios desenvolvidos perante a turma. Em quarto lugar, tirar uns minutos do final da aula, caso seja possível, para conversar com os alunos sobre interesses e actividades, que poderá tirar partido para futuros

exercícios. Quinto, usar discussões ou curtas apresentações para os alunos falarem sobre temas decididos pela turma ou interesses, experiências e objectivos de vida.

(IV) Actividades Sala de Aula

Shapiro (1993) sugere que a selecção apropriada de actividades de sala de aula possa criar um clima positivo em que os valores podem ser compartilhados e desafiados, as expectativas reveladas e discutidas, onde os alunos podem ter a oportunidade de tomar papéis de liderança na turma. Neste tipo de harmonia de sala de aula, os alunos estão mais aptos a correr riscos e compartilhar as suas ideias e vontades criativas (Cole *et al.*, 2011).

O professor, no apoio à criatividade dos alunos, tem de despistar os diferentes conceitos recorrendo a processos e métodos que realcem as expressões criativas dos alunos.

A criatividade na educação tem sido dificultada por opiniões e/ou equívocos da nossa sociedade. Ser criativo ainda continua a ser visto como algo indefinido, como sendo apenas para pessoas que têm “dom” ou mesmo para pessoas estranhas ou fora do normal (Treffinger, 1987). Esta opinião impediu o ensino do ser criativo e de se basear na capacidade criadora.

Apesar dos equívocos, os professores devem tentar criar um ambiente de suporte para encorajar os alunos a serem criativos no processo de aprendizagem, que pode ser alcançado através de esforço, prática e estratégia. Diversos modelos concentram-se sobre a resolução de problemas, elementos inconscientes e o tratamento separado de aspectos relativos à criatividade. Por exemplo, Parnes e Osborn delinearam uma série de etapas apoiadas na resolução do problema da integração de pensamentos divergentes e convergentes (Treffinger, 1987). Este processo inclui a formulação de um problema, a geração de ideias, e a avaliação dessas ideias. Wallach e Kogan (1965) realçam um elemento inconsciente através de um estágio de incubação, em que o criador deixa o problema, mas continua a pensar, inconscientemente.

O ensino em processos criativos, tal como o pensamento divergente e convergente, caracteriza um factor fundamental numa aula de aprendizagem criativa. Ao centrarmo-nos neste processo, temos que banir os mitos predominantes sobre o ensino criativo e focarmo-nos que o processo de aprendizagem criativa é acessível a todos os alunos. Não se pode evitar ser criativo.

O ensino de processos criativos é uma combinação de métodos divergentes e convergentes, com mais acentuação no pensamento divergente.

Existem inúmeras técnicas de desenrolarmos ideias criativas tais como *Brainstorming*, *thumbnail sketches* e o trabalho interactivo em pequenos grupos. O *Brainstorming* é um processo de reflexão em que os alunos se focam sobre a maior quantidade de ideias possíveis, depois avaliam-se essas mesmas as ideias, escolhendo-se por fim as que parecem ser mais inovadoras e concretizáveis. *Thumbnail sketches* permite que os alunos experimentem e conheçam visualmente as ideias, registadas em pequenos papéis, como esboços rápidos, antes de se trabalhar no produto final. O trabalho de pequenos grupos é outro método realçado nos processos criativos. Estes métodos proporcionam disciplina no pensamento divergente dos alunos e encoraja a originar ideias de uma forma divertida.

Para integrar este tipo de pensamento no processo criativo, incentiva-se os alunos a agrupar pesquisas antes de começarem a divergir pensamentos. Os alunos geralmente apreciam actividades que desenvolvam processos criativos.

O professor acompanha os alunos no seu crescimento criativo através de diferentes técnicas do processo de ensino criativo, focando-se em métodos de pensamentos divergentes dos alunos. Quando os alunos respondem positivamente às aulas, as suas respostas retractam diferenças individuais de necessidades de aprendizagem.

1.2. Relacionamento pessoal

Um bom relacionamento pessoal do professor-aluno é normalmente baseado em vontades e desejos comuns, destacando-se a natureza (emocional) afectiva

e a atitude de inquietação que o professor tem para com os alunos. Assim, constata-se que o professor coloca muito realce em estabelecer uma relação pessoal com os alunos como um aspecto essencial, como um suporte para a criação de um ambiente estimulante de aprendizagem. Com as relações pessoais asseguram-se de que alunos se sintam respeitados como indivíduos e que os seus professores pensam sobre eles como indivíduos reais, não como números. Ao criar estas relações pessoais, o professor usa uma variedade de estratégias, incluindo a memorização dos nomes e ouvindo atentamente as suas opiniões. Uma razão para esta empatia de relação pessoal, prova ao professor o poder dos relacionamentos professor/aluno no aumento da capacidade criativa dos alunos. Vê o seu papel de suporte criativo como sendo um orientador dos alunos e dando-lhes o feedback adequado.

O professor poderá ver o contexto social da sala de aula como uma fonte importante para criar um ambiente pessoal. Por esse motivo, é aconselhável usar diversos métodos para realçar o contexto social como uma fonte de sustentação. Estabelecendo um ambiente confortável e pessoal em que se comunica o respeito e as vontades dos alunos individualmente, usando métodos eficazes, tais como a aprendizagem do nome de cada aluno, a escuta atenta, a sua própria acessibilidade, fornecendo igualmente feedback que implique uma atitude construtivista, o professor assume assim um papel fundamental para a promoção de um bom relacionamento que proporcionará uma boa aprendizagem, que neste caso poderá ser criativa ou não, consoante os objectivos do professor.

1.3. Avaliação

Para os alunos se tornarem criativos dentro de contextos educativos, a criatividade precisa ser apoiada em sala de aula. É preciso também confiança na capacidade de aprender, onde o aluno tem consciência das suas características cognitivas e reconhece a exigência da tarefa, demonstrando uma maior confiança nos seus próprios processos cognitivos para planear, organizar, monitorizar e avaliar a direcção das suas aprendizagens (Costa, 2001).

Smith (1991) diz que ser criativo em sala de aula tradicional é muitas vezes difícil para os alunos porque eles têm "medo de arriscar, medo de explorar novas ideias e medo de falhar", afirmam também que os alunos precisam estar preparados para "o risco do ridículo ou de rejeição a uma nova ideia quando estão a criar" (Cole *et al.*, 2011). Com esta preparação de não terem medo de errar é que os alunos crescem e aprendem a ser mais confiantes na sua vida, com este princípio considero a verdadeira noção de escola.

Carter (1992) descreve que a avaliação impede os alunos de experimentarem sem medo de correrem riscos.

Quando se fala dos critérios para avaliar produtos criativos dos alunos, Sobel e Rothenberg (1976) afirmam que, "*a principal responsabilidade para avaliar a criatividade de um produto é colocado sobre os valores e a experiência do avaliador. Geralmente não é disponibilizado orientação para aqueles que fazem a avaliação*" (cit. por Cole *et al.*, 2011). Os professores precisam de encontrar os seus métodos e criar as suas próprias directrizes para a avaliação de criatividade.

A avaliação é um factor importante ao criar um ambiente estável e criativo. Uma ênfase na avaliação pode criar um foco no desempenho, reduzindo o desejo dos alunos a riscos necessários para a capacidade criadora.

É importante que a avaliação não seja estandardizada, em defesa da capacidade criadora individual. A avaliação poderia ser determinada por quatro factores: (a) a solução criativa dos alunos ao problema; (b) como executam uma boa solução; (c) a competência de trabalhos; e (d) a análise do processo criativo.

Os alunos não tendo a pressão da avaliação sentem-se mais confortáveis em expressar ideias criativas. A comunicação e as opiniões dos alunos sobre avaliação são um papel importante na projecção de um ambiente criativo.

Os exames como forma de avaliação tradicionais são ineficazes para avaliar a capacidade criadora e do que o aluno verdadeiramente é capaz. A classificação baseada em soluções e no esforço criativo, mais do que em exames, serve para particularizar a avaliação e chamar a atenção dos alunos

para a aprendizagem e a expressão criativa. Em consequência, os alunos percebem a ideia de avaliação do professor como uma não ameaça e sentem-se livres e autónomos para serem criativos e assumirem os riscos necessários para chegarem à melhor solução.

1.4. Abertura e liberdade de escolha

Relativamente a opiniões e desempenhos de turma, é essencial o incentivo da autonomia e liberdade de escolha, realçando a capacidade dos alunos para encontrar o seu “estilo” criativo, a sua autonomia.

Esta abertura contribui para criar um ambiente propício e aberto ao risco. Os alunos sentem abertura e aprovação, por parte do professor, que os ajuda a manifestar o sentido criativo fornecendo-lhes igualmente um sentido da flexibilidade. Porque não estão a procurar uma resposta, ou opinião, em particular a que pode ser “correcta” por parte do professor, estes, encontram-se livres para considerar muitas ideias e perspectivas.

Um método do professor para criar este ambiente aberto consiste em integrar competências e manter uma orientação de exigências básicas. Por exemplo, uma escolha comum às competências permite aos alunos inventar alternativas às opções sugeridas.

A total combinação de liberdade e de orientação básica contribui para um ambiente favorável à aprendizagem criativa. Devido à ausência de moldes estandardizados da avaliação, é possível permitir escolhas e contribuir para a expressão individual do aluno.

1.5. Discussão

Com este método de abertura e liberdade de escolha o ambiente torna-se mais permissivo, tornando-se um alicerce para o ensino/aprendizagem criativa que procure estabelecer relacionamentos positivos com os alunos, com métodos de avaliação, e com actividades em sala de aula. Uma questão comum que funciona durante todos os aspectos de aprendizagem em sala de aula é o

respeito e o apoio à expressão individual do aluno. Esforçando-se para conhecer individualmente cada aluno, encorajando-lhe múltiplas perspectivas, como o processo de pensamento divergente, procura-se também encorajar o desenvolvimento do processo criativo no seu processo individual.

O relacionamento do professor-aluno evidenciado foi centrado no cuidado que o professor expressa nos alunos durante o seu desenvolvimento cognitivo e criativo.

Esta aproximação centrada nos relacionamentos professor/aluno constitui frequentemente o indício de muitos relacionamentos eficazes em sala de aula, e implica que os alunos avaliem constantemente a oportunidade de uma interacção mais próxima com o professor.

Estando empenhados neste contexto criativo, os alunos avaliarão a sua independência na sala de aula com liberdade para manifestar ideias criativas sem medo de qualquer apreciação destrutiva.

O papel da avaliação tradicional é rigorosamente poderoso na adaptação da sala de aula a respostas esperadas, e acentua o poder do professor no aluno afectando o dinamismo em sala de aula que permanece, frequentemente, indiscutível.

As actividades representam igualmente um outro elemento importante deste ambiente de suporte. As actividades podem ser projectadas de maneira a desafiar a percepção actual dos alunos e a sua capacidade criadora, como um momento de expressão do processo. Esse processo pode ser cultivado e desenvolvido dentro e fora do contexto de sala de aula.

Os sistemas escolares negligenciam frequentemente o impacto da liberdade de criação no processo de aprendizagem, e reconhecem somente essa liberdade quando é moldada a um exemplo específico. As actividades criativas centraram-se especificamente sobre o pensamento divergente como uma perspectiva que influencia a construção do conhecimento dos alunos no processo criativo.

1.6. Reflexão

Esta pesquisa foi desenvolvida de modo a identificar as características que deverão compreender um determinado ambiente de suporte que facilite o processo de ensino/aprendizagem criativo em sala de aula.

No entanto, para futuros estudos a desenvolver sobre este tipo de ambiente seria vantajoso a realização de pesquisas a nível individual, que deveriam centrar-se no desenvolvimento criativo e uma posterior investigação a nível mais largo da sala de aula, que deveria explorar a dinâmica interactiva do professor-aluno e apurar a influência do aluno em dar forma ao ambiente da sala de aula. Também se deveriam pesquisar os efeitos de vários métodos da avaliação no processo de criação, considerando a importância da avaliação como elemento que influencia as práticas escolares em todos os aspectos.

Capítulo II

Relatório de Prática Supervisionada

2.1. Prática Supervisionada

O relato da prática de ensino supervisionado desenrola-se num capítulo, dividido em dois subcapítulos onde se posicionam as unidades escolhidas e desenvolvidas em contexto de aula, dentro das formalidades abrangidas pelos programas provenientes do Ministério da Educação, relativos à disciplina de Educação Visual e à disciplina de Desenho, assim como o respectivo enquadramento das unidades dentro de uma planificação anual das respectivas turmas do terceiro ciclo do ensino básico e secundário. A importância das unidades curriculares é apresentada de acordo com uma perspectiva de vivências actuais ao nível da tecnologia, mantendo-se o aluno como elemento central do processo construtivo relativo à compreensão, construção e transmissão do processo de representação. Este processo, que se identifica como parte natural do ser humano, também se apresenta como parte integrante de um currículo escolar, como parte de uma expressão comunicacional e artística, e como parte da história e de uma cultura presente nos nossos dias.

É realizada uma descrição sobre o enquadramento do tipo de ambiente físico, social e organizativo onde as unidades propostas foram leccionadas, tendo como principal base de informação os documentos provenientes do Projecto Educativo e o Projecto Curricular das Turmas, relativo à turma do 7º ano da EB 2,3/S Cunha Rivara em Arraiolos e da turma do 12º ano Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz, onde foi exercida esta prática de ensino supervisionado.

No primeiro sub capítulo abordo a EB 2,3/S Cunha Rivara onde descrevo o ambiente escolar, unidade didáctica e aulas leccionadas. No segundo sub capítulo abordo da mesma maneira a Escola Secundária Rainha Santa Isabel.

Por último, apresenta-se uma conclusão geral de todo o processo referente à prática lectiva das unidades em questão, relacionando e justificando de certo modo os elementos, que fizeram parte inicial da metodologia aplicada, com os

resultados e questões que foram surgindo naturalmente ao longo das aulas e que fazem parte da constante construção de todo um processo lectivo.

2.1.1. EB 2,3/S Cunha Rivara

Durante a primeira fase do ensino supervisionado foram observadas 2 aulas e leccionadas 7 aulas de 90 minutos à turma 7ºD, consoante os objectivos das planificações do professor titular de turma. Serão descritas as aulas e reuniões com o professor de acordo com o que foi vivenciado e supervisionado.

2.1.2. Primeiro contacto 21 de Setembro de 2011

Seis da manhã, toca o despertador, 100km ainda para percorrer após nos vestirmos, como tinha referido anteriormente faço par de núcleo de estágio com a minha mulher e tratarmos do nosso pequeno filhote nas tarefas matinais, levamo-lo à avó. Sete e meia da manhã fazemo-nos à estrada nacional, pois a auto-estrada não está contemplada no orçamento. Hora e meia depois, um “sol frio radiante” rasga o plano de fundo de um Castelo com a magnífica paisagem Alentejana a envolver.

Chegamos, e de costas para o Castelo, andaimes, tijolos, camiões e guas substituem a Escola Cunha Rivara. No lado direito encontra-se um pequeno campo de futebol inserido numa vasta paisagem quase sem fim. A ocupar as traseiras da baliza esquerda encontra-se contentores e mais contentores de cor branca e um telheiro branco entre eles...eis a escola.

Expectante com o primeiro contacto, rapidamente foi-nos interrompido por um sorriso do professor cooperante Luís Silva que nos esperava no provisório portão da provisória escola. Estando a escola sem alunos, o professor após se apresentar fez-nos uma visita guiada pelas instalações e apresentou-nos ao director, após as apresentações finalizámos na sala onde iríamos actuar durante o semestre. Na sala sentámo-nos e trocámos experiências profissionais e pessoais, deu-nos as regras já implementadas da sala de aula e falou-nos um pouco da turma do 7ºD, preveniu para o primeiro contacto que não cedêssemos e acautelou-nos para o tipo de linguagem e atitudes. Cedeu-

nos de imediato todas as suas planificações (Ver APÊNDICE I) para que o nosso projecto pudesse ser inserido no mesmo (Ver APÊNDICE II), após 30 minutos na referida Sala de Educação Visual despediu-se garantindo que tudo iria correr da melhor maneira.

2.1.3. Caracterização da Escola

A Escola Secundária Cunha Rivara desenvolve a actividade de ensino próximo do Castelo, localizando-se na Rua 5 de Outubro.

Fica localizado na bonita vila de Arraiolos no Alto Alentejo, situa-se no distrito de Évora. É um concelho rural com uma população de 7616 habitantes. Apesar de ter uma posição geográfica que lhe confere algumas potencialidades turísticas acrescidas, considerando todo o seu património cultural e arquitectónico, os alunos na sua generalidade têm uma conjuntura social e cultural rural.

A população do concelho de Arraiolos possui baixos índices de escolarização e conseqüentemente de iliteracia, dado que 40,7% possui apenas o 1º ciclo e cerca de 20% não possui qualquer grau de escolaridade.

Este dado, só por si, justifica, a par do ensino regular a aposta em percursos escolares alternativos como Cursos de Educação e Formação e Cursos Profissionais, no caso dos jovens, nos Cursos de Educação e Formação de adultos e no Centro Novas Oportunidades, no caso da população já integrada no mercado de trabalho.

O Projecto educativo da Escola Cunha Rivara refere que existe quinhentos e sessenta e um alunos, com um total de noventa e três docentes e trinta e três auxiliares não docentes.

Dado ao facto da Escola estar a ser requalificada, durante o período de estágio, as aulas decorreram em pré-fabricados instalados de forma provisória num campo de futebol próximo das novas instalações.

No que respeita aos espaços físicos conta-se com 54 salas de aula, um refeitório e 15 denominados como Outros Espaços que consiste em

laboratórios, biblioteca, salas específicas, núcleo de Necessidades Educativas Especiais, sala de Professores Tutores, Gabinete de Segurança saúde e bem-estar, Centro de Recursos Educativos, SASE, Biblioteca, Cantina, Bufete, Reprografia e Casas de banho.

A Escola funciona todos os dias úteis da semana no período das 7h30m às 22h20m tendo uma oferta formativa vasta tanto em regime diurno como nocturno.

Oferece em regime diurno:

- Ensino Básico: 2º e 3º ciclos;
- Cursos de Educação e Formação;
- Ensino Secundário: 10º ao 12º Ano de Escolaridade;
 - Científico;
 - Humanísticos (Ciências e Tecnologias; Línguas e Humanidades);
- Cursos Profissionais;
- Educação Especial / Apoio Educativo (1º Ciclo) / Intervenção Precoce.

Regime Nocturno:

- Centro Novas Oportunidades
 - Acolhimento, Diagnóstico e Encaminhamento;
 - Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências;
 - Formação Complementar.
- Cursos de Educação e Formação de Adultos
 - Higiene e Segurança no Trabalho;
 - Acção Educativa;
 - Informática;
 - Vendas e Instalações Eléctricas (Nível Secundário de dupla Certificação).

2.1.4. O Professor Cooperante

O professor cooperante é professor efectivo na escola e director de turma dos alunos do 7ºD, responsável pelas aulas de Educação Visual e Geometria Descritiva, formado em Pintura. Como professor cooperante demonstrou-se sempre disponível para nos ajudar no dia-a-dia das aulas de Educação Visual, observando e apoiando quando preciso.

O professor fez questão em não nos deixar “perdidos” no espaço escolar, tendo sempre o próprio determinado horas de encontro na sala de professores e encaminhar-nos pessoalmente à sala de aula.

Ao contrário do esperado, o professor em sala de aula imponha uma postura mais séria, esta postura mostrou-me e ensinou-me que devemos ser sérios. Tendo uma aparência descontraída e bem disposta, transmitimos uma segurança, que por vezes se reflecte no comportamento dos alunos, quando excedem os limites do desejável em sala de aula. Penso que temos de encontrar uma distância intermédia entre nós e os discentes, pois se não nos revemos no afastamento, rigor e autoritarismo de alguns professores, sabemos também que somos demasiado complacentes.

2.1.5. Sala de Aula

A sala disponibilizada para a disciplina de Educação Visual, no momento é igual a todas as outras da escola provisória. Como anteriormente foi dito trata-se de uma escola em pré-fabricados. É um espaço limitado, com três pequenas janelas de cada lado, não permitindo uma boa iluminação natural. Quanto aos equipamentos, verifica-se a existência de um quadro; uma secretária para o professor; mesas e cadeiras; armários (um para guardar as capas de cada turma outro para material); computador com ligação à Internet sem fios, esta ligação não era muito eficaz devido a haver uma constante falha de ligação, apesar deste meio de ligação houve a possibilidade de os alunos trabalharem com seus computadores pessoais, num dos projectos. Os pontos negativos da sala eram o espaço, a luz e a impossibilidade de afixar ou instalar qualquer tipo de trabalhos dos alunos.

2.1.6. Turma do 7º ano

Através de um questionário, elaborado no início do ano lectivo pelo Director de Turma do 7ºD podemos analisar a constituição de turma e dados pessoais.

Relato sumariamente alguns elementos do questionário (APÊNDICE III). A turma é constituída por 19 alunos, sendo catorze rapazes e cinco raparigas com 12 anos como média de idade, 33% dos alunos reside em Arraiolos, 27% no Vimeiro e os restantes vivem em 6 pequenas aldeias do Concelho. Relativamente à família, todos os alunos vivem com ambos os pais, exceptuando apenas um que vive apenas com a mãe, 40% dos alunos tem um irmão, 27% com dois irmãos, outros 27% sem irmãos e unicamente um aluno com três irmãos, na turma apenas existe três mães com curso superior e nenhum dos pais carece de falta de escolaridade. Os dados apontam-nos para grande percentagem de empregados e apenas duas mães se encontram no desemprego, dando-nos como actividade profissional principal o sector terciário (serviços). As mães são as únicas responsáveis de educação dos alunos e no que toca a retenções surge-nos três alunos; 73% dos inquiridos têm como disciplina preferida a Educação Física e no caso da Educação Visual fica situa-se nos 20%. Em relação aos objectivos académicos dos alunos são mais de 50% que querem progredir nos estudos para o ensino superior.

Não foram detectados situações problemáticas, com excepção de uma aluna diagnosticada com dislexia. Para esta aluna concretizámos um estudo no âmbito da disciplina de Necessidades Específicas Especiais que consta no programa curricular deste Mestrado. Este estudo incide numa adolescente, com 13 anos de idade, que apresenta um perfil de funcionalidade com resultados abaixo do esperado e com uma perturbação específica da leitura e da escrita. (Ver CD ANEXO 1)

2.1.7. Enquadramento das Unidade Leccionada

O programa do Ministério da Educação constante no currículo nacional da disciplina de Educação visual define as competências essenciais que os alunos devem adquirir no decorrer do Ensino Básico. As competências centram-se em

três linhas fundamentais: a fruição – contemplação; a produção – criação; e a reflexão – interpretação.

Quanto à fruição – contemplação, é referido o reconhecimento da importância das Artes Visuais como algo essencial ao desenvolvimento do ser humano; a consciencialização da importância do meio ambiente, da arquitectura, do público e do privado; o conhecimento do património artístico cultural e natural da região, valorizando a sua preservação como um dever de cidadão; identificar e relacionar diferentes manifestações artísticas, com o seu contexto histórico, quer ao nível nacional como internacional.

Quanto à produção – criação, entende-se: a utilização de variados elementos expressivos de representação; a observação das criações naturais e do homem, e saber utilizar variados modos de criar formas a partir dessa observação; conceber composições, utilizando os elementos da composição visual; utilizar variadas tecnologias na construção plástica; interpretar os significados expressivos e comunicativos das artes Visuais e os processos inerentes à sua criação.

Na reflexão – interpretação, é considerado o seguinte: o reconhecimento da necessidade de desenvolver a criatividade como forma de adquirir novos valores; o desenvolvimento do sentido de fruição estética e artística do mundo com recurso às referências e experiências desenvolvidas nas artes visuais.

As unidades didácticas devem portanto contemplar estas três linhas essenciais acima descritas.

Quanto às metodologias que o professor deve adoptar para a preparação das aulas, o ministério foca a importância da abordagem das linguagens elementares das artes, ao adquirir conceitos e identificar obras artísticas; o aluno aprende a descodificar as linguagens e códigos visuais, compreendendo o fenómeno artístico numa perspectiva artística e mobilizando todos os sentidos na percepção do mundo envolvente.

Esta capacidade de se envolver, sentir um enorme interesse e curiosidade pelo mundo, com uma total ausência de medos, tabus e preconceções da realidade, permitindo-nos ‘voar’ apenas com os nossos sentidos; não está

descrita no currículo e apenas se aproxima quando se fala que o Ensino artístico é – e cito – um "*território de prazer, um espaço de liberdade, de vivência lúdica, capaz de proporcionar a afirmação do indivíduo reforçando a sua auto-estima e a sua coerência interna.*", que desenvolve "*o sentido de apreciação estética do mundo*", e claro "*a criatividade*".

2.1.2.1. Descrição sumária das aulas

Durante a primeira fase do ensino supervisionado foram observadas duas aulas e leccionadas sete, com duração de 90 minutos cada, à turma de Educação Visual do 7ºD. Duas das quais foram supervisionadas consoante os objectivos das planificações. Serão descritas as aulas observadas e leccionadas de acordo com o que foi vivenciado e supervisionado.

2.1.2.2. Observação de Aulas

1º e 2º aula – 28 de Setembro e 12 de Outubro de 2011

O despertador toca mais tarde, são 8h30, esta primeira observação inicia-se na hora prevista do horário escolar do 7ºD, às 11h15 das Quartas-feiras destina-se à disciplina de Educação Visual. "Toca a campainha!", nos relógios dos alunos ou de *boca em boca*, pois esta escola provisória não tem a provisória campainha. Eu, o professor Luís Silva e a Rita Melo, entramos na sala 15 minutos antes da entrada para que nos pudéssemos organizar na sala.

Ao contrário do esperado, os alunos nos estreitos corredores entre os contentores e nos espaços carentes de condições, conseguiam ser calmos e organizados para que todos pudessem circular calmamente e dirigir-se às suas salas, nesse momento lembrei-me do velho ditado, tipicamente destinado à região Alentejana "devagar se vai ao longe".

Dentro da sala o professor apresentou-nos aos alunos, curiosos, dizendo que iriam ser uns felizardos, que em vez de terem apenas um professor iriam ter três durante o ano lectivo, omitindo que seria apenas algumas aulas, os alunos receberam-nos de modo simpáticos e bem-dispostos e mais uma vez

organizados lá retiraram as suas capas com o seu material do armário que se destinava à disciplina.

Descrevo estas duas aulas observadas apenas num momento, dando aqui a síntese dos benefícios adquiridos por observação para leccionar as primeiras aulas de estágio supervisionado

As aulas divididas em dois momentos, uma parte teórica onde se explicava os conceitos, exemplos e a proposta de actividade (APÊNDICE IV) e uma segunda onde se praticava os conhecimentos adquiridos através de exercícios propostos pelo professor. Durante os exercícios o professor relacionava sempre com a componente teórica, com estes registos pertinentes proporcionava-nos uma reflexão e compreensão da importância da estratégia e simultaneamente fazia reflectir os alunos sobre os conteúdos do exercício, paralelamente dando-lhes ideias para o trabalho em desenvolvimento.

Logo desde esta primeira aula, o professor Luís fez questão que não estivéssemos sentados e que circulássemos na sala para que não sejamos apenas observadores e sim *professores*, auxiliando assim os alunos na actividade. Com a orientação bem definida pelo professor conseguimos entre os três ter uma postura adequada, forma de actuar, transmissão de conhecimentos, entre outras. Sentimos uma forte segurança que se tornaria uma mais-valia para a nossa prática pedagógica.

2.1.2.3. Unidades didácticas

No entanto, e atendendo à metodologia seguida pela disciplina, este conteúdo não deve ser abordado desintegrado de uma unidade de trabalho. A sua inserção numa unidade de trabalho deve promover aprendizagens significativas, de preferência indo de encontro ao carácter interdisciplinar, que reveste a Educação Visual. Neste ciclo, considero a Educação Visual como uma disciplina que permite a articulação deste conteúdo. Fortalecendo este ponto, o programa reforça a ideia de interdisciplinaridade, quando afirma que esta e as outras disciplinas do currículo se devem envolver em projectos comuns e os professores devem conhecer os programas das outras disciplinas,

ao mesmo tempo que os Conselhos de Turma devem planear metodicamente esses projectos.

No sentido de valorizar as práticas lectivas geradoras de aprendizagens significativas a abordagem a este conteúdo deve contemplar como meios de expressão plástica as explorações plásticas bidimensionais, o desenho e as tecnologias da imagem. Nesta unidade didáctica pretende-se valorizar estes dois últimos. Nomeadamente o desenho e construção de formas e a utilização das TIC como elemento motivador para a aprendizagem e elemento fundamental interdisciplinar.

2.1.2.4. - 3º Aula – 19 de Outubro de 2011

2.1.2.4.1. “A Janela e o tempo”

Esta aula teve o intuito de se criar um Portfólio de aprendizagem para os alunos do 7ºD, onde constariam os trabalhos dos alunos e também todo o material didáctico informatizado e de acesso livre utilizado em sala de aula. O objectivo desta plataforma, após termos discutido o projecto com o professor, era que todos os professores da turma o usassem de modo a contribuir para a interdisciplinaridade. Consiste numa página Weebly onde consta “Gavetas” com os nomes das disciplinas e gavetas com os respectivos nomes de cada aluno, onde os alunos eram os únicos responsáveis em editar na sua respectiva gaveta.

Como o nome indica “A Janela e o Tempo”, significa que é a Janela para o mundo e o Tempo para crescer, desenvolver e aprender.

Esta aula exigiu uma preparação prévia, criámos uma página Weebly (Figura I) onde inicialmente consistia já diversas gavetas tais como a de Educação Visual, Actividades, Recursos, Materiais, Fotos e Alunos. (Figura II; III)



Figura I (www.projecto7d.weebly.com)

Para esta aula foi solicitada a sala de informática, mas como anteriormente referi, é uma escola provisória onde apenas existe uma sala de informática, a qual se encontrava ocupada, mas em substituição existem antigos computadores portáteis que poderão ser encaminhados às salas que o requisitem, e assim foi.

A aula teve uma componente teórica aproximadamente de 20 minutos, componente prática de 60 minutos e finalizou-se com uma reflexão sobre o conhecimento adquirido durante os últimos 10 minutos como previsto na planificação (ANEXO 2).

Foi iniciada a aula com uma pequena conversa sobre o tema “A Janela e o Tempo”, numa tentativa de perceber se os alunos através do tema conseguiriam chegar a alguma conclusão do que se tratava. Pois, sem sucesso e com algumas brincadeiras pelo meio das palavras temáticas, após explicarmos o que se pretendia, o entusiasmo mostrou-se nas suas caras perante os portáteis. Seguidamente projectou-se um PowerPoint (Ver CD - ANEXO 3) online, pois este já se encontrava publicado na página Web na gaveta de recursos onde consistia, passo a passo, a explicação do recurso weebly e como poderiam aceder à conta com o respectivo login e palavra-chave, tal como as suas edições nas gavetas individuais. Edições essas que

eram fruto dos exercícios desenvolvidos nas aulas, das actividades propostas online e dos seus diários gráficos. A acompanhar a imagem publicada, pequenos textos da autoria dos alunos, descrevem o que se editou.

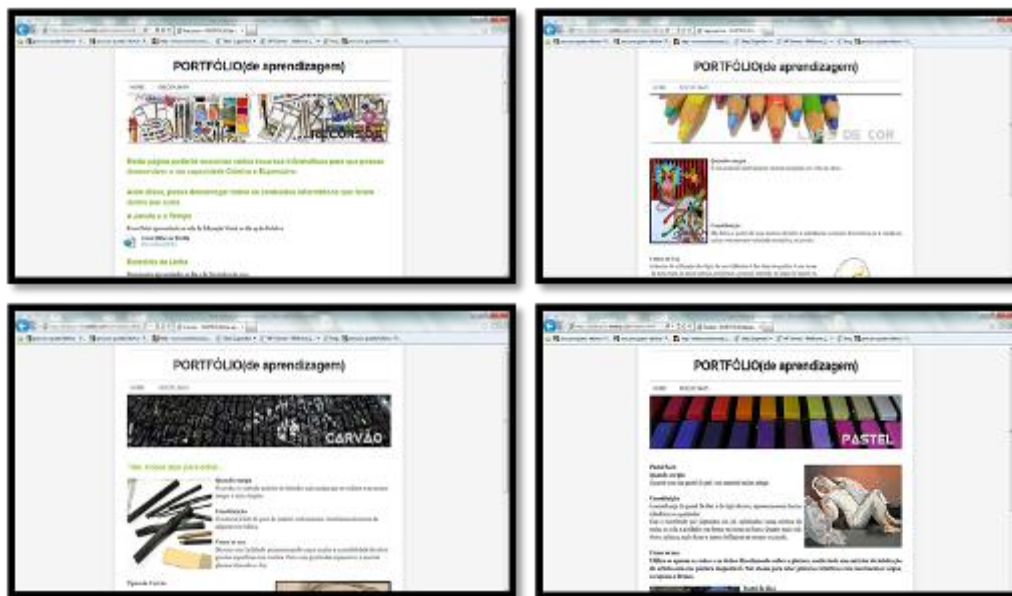


Figura II (gavetas de recursos)

Após a apresentação, iniciou-se a vertente prática. Nesta fase os alunos ligaram os portáteis e rapidamente conseguiram aceder à página e à sua gaveta, demonstrando a facilidade em manejar este tipo de ferramentas. Previamente fotografado na aula anterior, um trabalho de cada aluno já se encontrava na gaveta de “Fotos”. A proposta consistia, além de saber entrar na página, aprender a editar correctamente na sua gaveta a imagem de um trabalho pessoal desenvolvido na disciplina de educação visual e escrever um pequeno texto.



Figura III (gaveta de Aluno)

Depois de repetirem o exercício algumas vezes e sentirem-se familiarizados com o programa passámos ao passo seguinte, que foi o fornecimento de um recurso de auxílio para o tratamento das suas imagens, o Pixlr, para que pudessem manipular os trabalhos na sua forma e cor. Curiosamente um aluno virou-se e pediu se podia usar o Photoshop, mais uma vez a proposta fazia todo o sentido, a era informática está bastante enraizada nas crianças e jovens e é urgente alterar os métodos de ensino para que os resultados se façam sentir perante o entusiasmo. E este entusiasmo reflectiu-se nos resultados que os alunos editaram na plataforma interdisciplinar, onde professores, colegas e pais podem ver o desenvolvimento do aluno e não se restringem apenas ao que lhes é transmitido.

A aula foi terminada com a reflexão sobre o conhecimento adquirido e a introdução do assunto da próxima aula: O Ponto.

2.1.2.5. - 4ª Aula – 2 de Novembro de 2011

2.1.2.5.1. O ponto

Nesta aula foram introduzidos conteúdos importantes sobre o claro-escuro através do Ponto. Através de exemplos práticos desenhados no quadro, tal como uma esfera, entre outros, demonstrou-se a saturação de pontos mais concentrada ou mais dispersa chegando a uma ideia de volume. Esta aula, a

cargo do professor do cooperante, contou mais uma vez com a nossa participação, distribuiu-se uma fotocópia a preto e branco da fotografia de cada aluno retirada do livro de ponto e pediu-se que retirassem uma folha de papel vegetal das suas capas. Sobrepondo a folha à fotocópia os alunos foram desafiados a representar a sua cara com a técnica exemplificada do pontilhismo, concentrando os pontos nas zonas mais escuras e dispersando nas mais claras. Durante o exercício circulávamos pela sala apoiando e relacionando, individualmente com os alunos, a teoria à prática. A dez minutos do fim da aula, o delegado de turma encarregou-se de arrumar as capas dos colegas no respectivo armário. Os alunos mostravam-se ansiosos por acabar o exercício e editar os resultados na página Weebly e perguntaram se iríamos colocar mais actividades na plataforma. Com este interesse mostrado pelos alunos, informamos que durante o dia iria estar disponível uma nova actividade para desenvolver em casa.



Figura IV (O Ponto – ex. de exercícios desenvolvidos e publicado pelos alunos)

2.1.2.6. - 5º Aula – 9 de Novembro de 2011

Esta aula foi uma continuação da aula anterior, iniciou-se muito rapidamente com os alunos a irem buscar os exercícios e a meterem-se ao trabalho sem qualquer problema e com total autonomia. Eu e a minha colega de estágio, expectantes com a vontade extrema dos alunos, começamos a fotografar os exercícios já desenvolvidos na disciplina de Educação Visual e os do Diário Gráfico, com o intuito de colocarmos todas as fotos na Gaveta de “Fotografias”

onde pudessem fazer primeiramente o download e posteriormente, o Upload, na sua própria gaveta, após trabalharem as imagens no PIXLR.

Enquanto os alunos finalizavam o exercício colocámos de imediato as fotografias no Weebly e apercebemo-nos que a maioria dos alunos já tinha concretizado o exercício proposto na “Janela e o Tempo” que se traduzia em desenhar sapatos.

O exercício descrito na Página consistia:

“Desenho de Sapatos”

Escolhe um par de sapatos, de preferência maleáveis e usados. Posiciona um deles à tua frente e ao teu gosto. Observa-o de vários lados. Escolhe uma ou duas posições. Agora, a finalidade é o desenho final, com todos os pormenores, tantos quantos fores capaz de ver e desenhar. Usa o material à tua escolha, podendo ser desde o lápis de carvão, lápis de cor, marcadores, canetas, aguarela, pastéis secos ou outro. É um trabalho exigente mas necessário. Depois de finalizado é só colocares na tua pasta de aluno.

Bom trabalho!”

A 15 minutos do final, os alunos terminaram o exercício e foi abordado o tema da próxima aula sobre a linha e exibimos imagens (ANEXO 4) de insectos para a turma escolher o que mais lhes interessava para trabalharem na próxima aula. A “Barata” foi o insecto escolhido pela turma e à hora de saída demos-lhes os parabéns pelo excelente trabalho que desenvolveram na actividade da “Janela e o Tempo”.

2.1.2.7. - 6ª Aula – 16 de Novembro de 2011

2.1.2.7.1. “A Forma e a Proposta I”

16 De Novembro de 2011, a primeira aula supervisionada, com alguma ansiedade, teve como tema “A Forma e a Proposta”.

O professor Tomás Ferreira teve o papel de supervisionar esta unidade, foi-nos apresentado minutos antes do início da aula. Antecipadamente o professor já

tinha sido informado que eu e a Rita iríamos dividir as componentes teóricas e práticas e daríamos a aula em conjunto devido a apenas existir uma turma de Educação Visual e teríamos que a desenvolver em conjunto. Previamente foi entregue ao Professor Luís e o Professor Tomás a respectiva planificação (ANEXO 5).

Após os alunos entrarem e sentarem-se organizadamente, reparámos que existia entre os alunos uma curiosidade perante o professor Tomás que se encontrava no fundo da sala juntamente com o professor titular. Assim, apresentamo-lo como um colega que iria presenciar a aula.

Dei início à aula com um diálogo acerca do tema da aula, A Linha, expus um PowerPoint (Ver CD-ANEXO 6) interactivo sobre o conteúdo com imagens simples e imediatas e remetendo sempre com exemplos práticos da realidade que os rodeava tal como a estrutura da própria sala/contentor, a estrutura do corpo humano, cadeiras, mesas, entre outros. Com esta metodologia os alunos conseguiram apreender o pretendido. Após o conhecimento dos tipos de linhas e como poderiam usar no desenho e na sua perspectiva visual, a Rita deu seguimento com a parte do exercício prático através do PowerPoint explicou o pretendido que consistia em construir o insecto escolhido (Figura V) na aula anterior e através de fragmentos ampliá-lo, para uma dimensão de 2,30cm X 1,50cm, através de linhas horizontais, verticais e oblíquas criando com a sobreposição mais concentração e dispersão com menos concentração, consoante o claro-escuro que teriam que desenvolver.



Figura V (Insecto escolhido pelos alunos)

O Lápis de grafite foi o material utilizado para uma homogeneidade de trabalho de grupo. Após a explicação do desafio foram distribuídos o enunciado (ANEXO 7) e dividido aleatoriamente o insecto em fragmentos por folhas A4 em que já se encontravam os limites do insecto para que tudo funcionasse correctamente na montagem.

Após as dúvidas esclarecidas iniciou-se o trabalho. Estando eu e a Rita a supervisionar o desenvolvimento dos trabalhos, resolvemos ficar com determinados alunos cada um, eu fiquei no corredor da direita e a Rita no da esquerda.

Durante a aula reforçávamos os conteúdos e esclarecendo eventuais dúvidas que iriam surgindo. Tal como planeado os alunos finalizaram o exercício a dez minutos do final que eram destinados ao Quiz de aprendizagem (Ver CD-ANEXO 8) com a intenção de fazer um reforço e balanço da aprendizagem. Os alunos manifestaram bastante motivação neste jogo do certo ou errado, dando por finalizada a aula mais uma vez com os parabéns pelo trabalho desenvolvido e transmitindo que a próxima aula seria para a montagem do insecto na sala de aula.

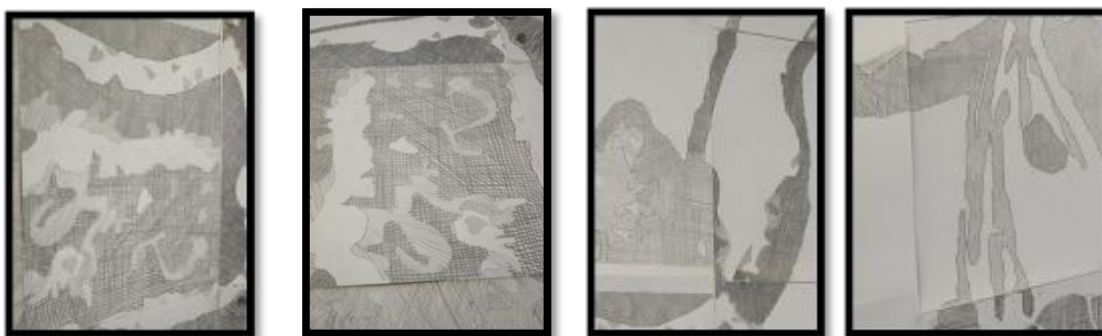


Figura VI (Fragmentos do “insecto” executado pelos alunos)

Após os alunos se ausentarem, trocamos umas breves palavras sobre o nosso desempenho ao professor Luís e ao Professor Tomás. Ficando bastante satisfeitos com o resultado do exercício, com a nossa postura perante os alunos e a clareza dos conteúdos.

2.1.2.8. - 7ª Aula – 23 de Novembro de 2011

Esta aula foi de continuidade da aula supervisionada, visto terem terminado o exercício, faltava todavia a montagem do mesmo.

Enquanto recolhia os fragmentos da “barata” a Rita fotografava o exercício dos “sapatos”, entre outros que os alunos autonomamente fizeram, pois alguns alunos não tinham maneira de fotografar para poder publicar.

Seguidamente organizou-se a turma para procedermos à montagem da “barata” com a ajuda de um modelo do insecto em ponto pequeno que nos orientava onde era o sítio correcto de cada fragmento. Foi uma montagem ordeira, com alguns alunos a manifestarem de imediato a sua capacidade de liderança, foi possível montar sem imprevistos o trabalho final. O insecto foi colocado na parede (Figura VII) de fundo com fita-cola de dupla face e o resultado final foi unânime de orgulho, surpresa e grandiosidade que o insecto demonstrava.



Figura VII (resultado final)

Após o insecto estar colocado e os alunos o verem à distância, introduzimos tema da próxima actividade, A Forma, e a Proposta II: A Metamorfose de Franz Kafka.

2.1.2.9. - 8ª Aula 7 de Dezembro de 2011

2.1.2.9.1. “A Forma e a Proposta II”

Esta aula, também supervisionada pelo Professor Tomás Ferreira, foi iniciada na aula de formação cívica leccionada também pelo Professor Luís de modo a prepará-los para a aula de Educação Visual, o professor explorou um excerto (APÊNDICE V) previamente acordado entre nós do Livro “A Metamorfose” de Franz Kafka, esta prévia preparação serviu para os alunos terem algum conhecimento sobre o que se iria explorar em Educação Visual e simultaneamente para que se desenvolvesse a pretendida interdisciplinaridade.

A aula iniciou-se com a minha colega par de estágio que abordou o tema a desenvolver conforme a planificação (ANEXO 9) através de um diálogo, referindo que iriam dar vida ao insecto que desenvolveram, afixado na parede de fundo, através de uma narrativa visual, uma Banda Desenhada. O PowerPoint (Ver CD-ANEXO 10) foi novamente utilizado como ferramenta de auxílio à metodologia, é de referir novamente que todos os recursos utilizados se encontram na página Weebly onde os alunos poderão consultar, sempre que necessitem, todos os recursos utilizados na sala de aula que estavam previamente publicados sem termos que levar qualquer tipo de dispositivos de armazenamento amovíveis ou computadores pessoais.

Após a explicação, da minha colega de estágio, das características de uma Banda desenhada tal como pranchas, vinhetas e tiras e todos os tipos de planos, comecei pelo visionamento de uma de três partes que consistia uma animação do livro “A metamorfose” (CD-APÊNDICE VI), informando também que poderiam ver as duas partes (CD-APÊNDICE VII) restantes em casa através da Weebly.



Figura VIII (Frame da animação visionada)

O exercício consistia em continuar a história visionada através de Banda Desenhada utilizando as tiras de B.D. em branco que lhes iriam ser facultadas e que poderiam fazer quantas achassem necessárias para que a sua história pudesse ser concluída. Após algumas dúvidas esclarecidas e sem terem a necessidade de visionar o filme novamente, entreguei-lhes o enunciado (ANEXO 11) e as folhas brancas com as vinhetas desenhadas (ANEXO 12) para darem início ao exercício.

Foi sentido o entusiasmo e a criatividade para dar vida e forma ao desenvolvimento da história do insecto/barata colocada no fundo da sala.

Os trabalhos começaram a surgir, com sorrisos e risos de cumplicidade entre colegas de carteira enquanto eu e a Rita nos deslocávamos pela sala a acompanhá-los no processo. Nos últimos dez minutos, após o material arrumado, foi feito o balanço da aula. O retorno, por parte dos alunos, foi muito positivo terminando o que foi solicitado.

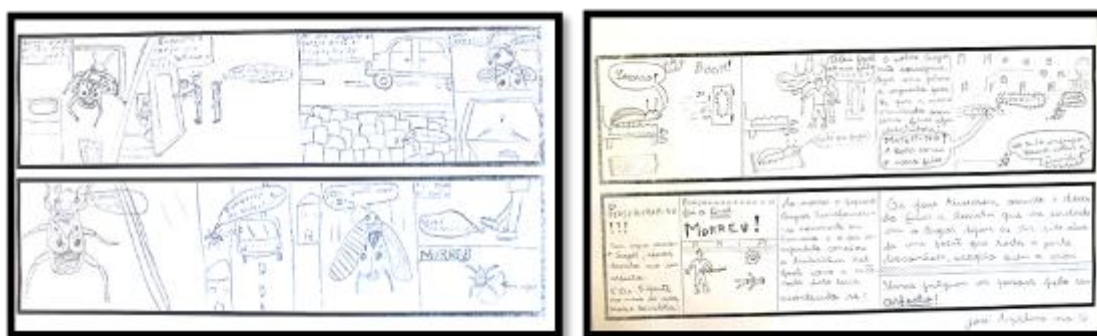


Figura IX (Banda desenhada criada)

Terminada a aula, falámos brevemente com os Professores que nos deram opiniões positivas e ainda vimos alguns trabalhos excelentes de alunos, especialmente no que toca à criatividade dos balões de fala das personagens.

2.1.2.10. - 9ª Aula – 14 de Dezembro de 2011

Ao 14º dia de Setembro de 2011 finalizamos a primeira fase do estágio com a nossa última aula à turma do 7ºD da Escola Cunha Rivara em Arraiolos. Iniciamos com um breve diálogo com alunos, elogiando o trabalho

desenvolvido e que se encontrava todos os recursos utilizados nas aulas na plataforma “A Janela e o Tempo” da página Weebly para consulta.

De seguida propusemos que dessem cor à Banda Desenhada desenvolvida na aula anterior, finalizando o projecto “A Forma e a Proposta”.

No final da aula foi feito o balanço das aulas leccionadas com os alunos. O sentimento de satisfação foi mútuo, tanto por parte dos professores como dos alunos.

Achamos por bem que os alunos abandonassem a sala na hora de saída prevista sem terem conhecimento que seria a nossa última, ficando um “até à próxima “ como despedida.

2.1.3. Avaliação das Unidades

A avaliação dos trabalhos é contínua e formativa e ocorre a cada etapa de desenvolvimento do trabalho.

A avaliação sumativa (Quadro I) dos alunos ocorre segundo uma grelha de critérios definidos para as unidades e fá-lo de forma individualizada. Neste momento é sugerida pelo professor titular a auto-avaliação e apontada a nota que cada um entende corresponder ao seu nível de desempenho, e definidas as notas do docente, critério a critério até à média final. Todo este processo ocorre num diálogo com aluno para o próprio poder defender-se.

No domínio das aptidões/capacidades/conhecimentos, os trabalhos somam a parcela de 50% e os testes 20% (contudo nas unidades didácticas que elaborámos não existiram testes e por isso os trabalhos somaram o total 70%).

A avaliação formativa (Quadro II) é usada diariamente que serviu de suporte à Avaliação sumativa no final do Período.

Quanto ao saber, estão incluídos a aquisição de conceitos que tem a ver com a eficácia na comunicação; a expressão verbal dos conceitos e a aquisição e compreensão de conhecimentos.

Inclui-se ainda a percepção que está ligada à sensibilidade, às qualidades formais, expressivas e físicas dos objectos.

No que concerne ao saber fazer, é avaliado o método processual que tem a ver com a capacidade de análise das situações e sensibilidade aos problemas; relevância e quantidade dos dados informativos recolhidos e produzidos; uso adequado dos recursos; qualidade dos projectos desenvolvidos e trabalhos de iniciativa própria.

Ainda dentro do saber fazer é avaliada a técnica, segundo a capacidade de domínio da técnica e a utilização adequada de equipamentos e materiais. Por último, a expressão e a criatividade são avaliados em função da qualidade dos trabalhos práticos desenvolvidos, e de acordo com o projecto inicial; bem como a criatividade na apresentação de soluções originais e alternativas.

Domínios de Aprendizagem					
No domínio das aptidões/Capacidades e Conhecimentos	Trabalhos	Capacidade de compreensão e execução das tarefas.	10%	50%	70%
		Conhecimento dos conceitos básicos e conteúdos associados à tarefa.	10%		
		Utilização e aplicação dos materiais e técnicas adequadas.	15%		
		Criatividade no desenvolvimento dos trabalhos propostos.	15%		
	Testes	20%			
No domínio das Atitudes e Valores	Participação / Interesse		6%	30%	
	Assiduidade / Pontualidade		6%		
	Caderno diário		2%		
	Autonomia		5%		
	Material		5%		
	Comportamento		6%		

Quadro 1 (Avaliação Sumativa)

Grelha de Avaliação								Turma: 7ºD								
Módulo:																
Conteúdos Programáticos:								Áreas de exploração:								
Comunicação Visual:																
	Comportamento				Participação				Criatividade				Realiz.Exerc.Proposto			
	NS	S	SB	EX	NS	S	SB	EX	NS	S	SB	EX	NS	S	SB	EX
Nome																

Quadro 2 (Avaliação Formativa)

A avaliação das unidades foi elaborada através dos critérios de avaliação do professor Luís Silva. Toda a avaliação final era da sua responsabilidade. A conclusão a que chegamos é que os resultados obtidos foram excelentes na maioria dos alunos em todos os objectos de avaliação em que constavam os critérios dos módulos.

2.2. Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz

2.2.1. Primeiro Contacto 17/02/2012

O primeiro contacto obteve-se previamente através de correio electrónico para que pudéssemos articular com o horário não lectivo do professor cooperante Domingos Isabelinho e o nosso horário profissional. Com o primeiro encontro, no gabinete do departamento de expressões, foi-nos transmitido a opção do horário da disciplina de Geometria e facultada uma outra alternativa, a mesma do núcleo de estágio anterior, que seria a turma do 12ºF na disciplina de Desenho. Tendo dois horários disponíveis, optou-se em conjunto pelo horário da disciplina de Desenho, visto podermos reduzir em metade as longas viagens semanais, pois teríamos quatro tempos lectivos seguidos da parte da manhã das quintas-feiras. A professora titular da turma em questão disponibilizou-se de imediato a ajudar nessa articulação, ficando acordado que o professor Domingos iria assistir a todas as aulas de estágio.

Após a reunião, de imediato fomos conhecer a turma que se encontrava na sala de Desenho a recuperar figuras tradicionais de Estremoz para a Festa do Patrono que se iria realizar na semana seguinte.

Os alunos estavam descontraídos, já em clima de festejo, uns pintavam, outros colavam entre mesas pouco próprias para uma sala de Desenho ou de Artes. A professora Ana, a titular da disciplina de Desenho, fez-nos uma breve apresentação do que faziam e do que já fizeram. Enquanto isso, observávamos informalmente o modo de estar e trabalhar dos alunos.

Seguidamente iríamos à sala da Direcção para conhecermos o Director da Escola Santa Rainha Isabel ao qual não chegámos a ir, encontrámo-lo no Bar da escola, pois este ficava a caminho. A sua abordagem, simpática, após saber que éramos os novos estagiários, foi de transmitir que estava a aproximar-se a data da Feira de Escolas e precisavam dos nossos serviços artísticos e estéticos para uma nova imagem gráfica e de apresentação da Escola, explicou-nos a relevante importância que davam à Feira de Escolas, pois era uma maneira de se aproximarem da comunidade e mostrarem os trabalhos desenvolvidos e atrair novos alunos para o próximo ano lectivo e também dar a conhecer os novos cursos. Após esta descrição da feira de escolas, o Director José Carlos Salema reencaminhou-nos à sala de Direcção para que estabelecêssemos contacto com a professora Vanda que nos iria facultar todas as informações necessárias para a elaboração de todo o projecto. Estando com algum trabalho relativo à Festa do Patrono, a professora Vanda pediu que nos reuníssemos na semana seguinte, após a festa.

Após conhecermos toda a escola com o professor Domingos, finalizamos no Gabinete Educativo onde foi solicitado informações sobre a escola, tais como, o projecto educativo, a caracterização da escola, entre outros documentos pertinentes para constituir no relatório de estágio. Não estava disponível, mas garantiram-nos que na próxima visita já estaria acessível.

2.2.2. Caracterização da Escola

A Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz (ESRSI) é uma Escola de Serviço Público e localiza-se num dos principais eixos de ligação da área metropolitana de Lisboa a Madrid e à Europa, sendo sede de um concelho com uma área aproximada de 513,8 km².

Esta Escola foi construída em 1962 e é a herdeira da Escola de Artes e Ofícios fundada em 1924. A esta sucedeu, na década de trinta, a Escola Industrial Augusto Gonçalves, a qual, na década de 60, passou a denominar-se Escola Industrial e Comercial de Estremoz.

Em 1975, mudou o nome para Escola Secundária de Estremoz. Finalmente, em 1987, foi publicada a Portaria com a actual designação – Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz.

Desde a sua origem, e devido às políticas sociais e educacionais de então, serviu e recebeu os jovens oriundos dos concelhos limítrofes. Além do 3º Ciclo, oferece o Ensino Secundário às populações dos concelhos de Arraiolos, Borba, Fronteira, Monforte e Sousel e recebe, ainda, franjas de alunos de Avis e Vila Viçosa.

Ultimamente tem diversificado as ofertas formativas para os jovens e para os adultos.

Em 2004, a Escola passou a integrar a Rede Nacional de Bibliotecas Escolares.

No Projecto Educativo, a Escola assumiu o compromisso de poder vir a ser referência regional dos estabelecimentos de educação do Alentejo, no que respeita ao combate ao insucesso e ao abandono escolares.

Como tal, a sua missão consiste em promover e implementar o sucesso educativo e combater e eliminar o abandono escolar, designadamente:

- Introduzindo projectos inovadores no combate ao insucesso e abandono escolares;
- Criando Cursos de Educação e Formação e Cursos Profissionais;
- Promovendo o bem-estar dos alunos, professores e funcionários;
- Contribuindo para a formação contínua dos actores educativos;
- Apoiando os encarregados de educação no acompanhamento dos seus educandos;
- Reforçando a ligação da Escola ao meio.

A ESRSI ministra os seguintes níveis de ensino:

- Ensino Básico;
- Ensino Secundário;
- Cursos Tecnológicos do Ensino Secundário;
- Cursos de Educação e Formação;
- Cursos Profissionais do Ensino Secundário;
- Cursos de Educação e Formação de Adultos.

A escola tem uma dimensão média, sendo constituída por um único edifício todo remodelado e requalificado através da empresa Parque Escolar, o que se verificou entre Julho de 2009 e Dezembro de 2010. Com um considerável espaço de recreio com bastantes zonas verdes.

O grupo 600 das Artes Visuais é constituído por 10 professores que leccionam entre duas ou mais disciplinas.

As Disciplinas agregadas ao Grupo 600 no Ensino Básico são Educação Visual e Oficina de Artes, Design e Multimédia (OADM). Já no Ensino Secundário as disciplinas são Desenho A, Geometria Descritiva, Oficina de Artes, História da Cultura e das Artes. No Ensino Profissional História da Cultura e das Artes, Geometria Descritiva, Design, Desenho assistido por Computador, Design Comunicação e Oficina Gráfica.

Aparentemente é uma escola com óptimas condições, digo aparentemente devido a estar equipada com aparelhos térmicos que simplesmente deixaram de funcionar supostamente por falta de verbas para sua manutenção, assim, torna-se uma escola fria e desconfortável no meio de um Design Arquitectónico visualmente agradável.

2.2.3. Sala de Aula

Quanto aos espaços dedicados ao ensino das artes visuais, a escola dispõe de sete salas de desenho onde se leccionam as disciplinas agregadas ao grupo. Estas salas encontram-se no piso térreo e têm de uma boa luz natural vinda do

tecto, tendo iluminação artificial razoável, o ponto fraco das salas de artes é serem demasiado pequenas e não haver maneira de escurecer a sala para obter uma boa visibilidade de projecções. Todas as salas estão equipadas com computador, projector e os respectivos armários estiradores e cadeiras.

Foi ainda disponibilizada para o grupo das Artes Visuais uma sala de informática onde se leccionam as disciplinas de Design de Comunicação, Oficina Multimédia B, Desenho assistido por computador, Design e Oficina Gráfica. Esta sala está equipada com computadores que contêm os programas necessários ao funcionamento das disciplinas acima referidas, assim como impressora, scanner, secretárias e quadro branco.

2.2.4. Caracterização da turma

Através da ficha de síntese (APÊNDICE VIII) da turma de artes visuais do 12º ano da Escola Secundária Rainha Santa Isabel, é constituída por 23 alunos com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, sendo 19 de sexo feminino e 4 de sexo masculino.

É uma turma heterogénea, com alunos provenientes de classes socioeconómicas diversificadas. Aparentemente têm uma vida familiar estável, pois na sua totalidade vivem com ambos os pais e apenas duas mães e um pai actualmente estão desempregados.

Os alunos estão geralmente desmotivados, mas participativos, aderindo frequentemente bem aos desafios que lhes são propostos mas com pouco empenho é uma turma que apresenta alguma falta de pontualidade e assiduidade. É habitual haver um bom ambiente de trabalho em sala de aula, facilitador e propício à aprendizagem.

Grande parte dos alunos não têm objectivos após a conclusão do secundário e apenas oito têm desejo de prosseguir estudos, sete dos quais na área de Design e um para Engenharia Civil. Apenas houve quatro retenções no percurso escolar dos alunos em anos distintos tais como o 2º, 4º, 9º e 10º. A Disciplina de Desenho é a indicada por 18 alunos como a disciplina de maior preferência e com maiores dificuldades é apontada por oito alunos a disciplina

de Matemática B, no entanto, existem alunos com disciplinas em atraso: dez a Matemática B; três a Geometria Descritiva A e três a História e Cultura das Artes.

Não existe qualquer aluno com qualquer tipo de acompanhamento especializado nem com dificuldades de saúde diagnosticadas.

2.2.5. Enquadramento da unidade leccionada

A disciplina de Desenho A, do curso geral de Artes Visuais do Ensino Secundário, incorpora um programa para o 10º ano (Ramos, Paulo, Barros e Reis, 2001) e 11º e 12º anos de escolaridade (Ramos, Paulo, Barros e Reis, 2002) que propõe três áreas fundamentais de exploração para a aprendizagem e desenvolvimento do desenho: a percepção visual, a expressão gráfica e a comunicação, dentro de uma trinomia global “Ver/Criar/Comunicar”. Deste modo, no plano curricular está preconizado o desenvolvimento das seguintes competências essenciais:

“Observar e analisar – o aluno estará capaz de observar e registar como elevado poder de análise. O aluno deverá, mercê do exercício de observação analítica, observar e registar com crescente aptidão.

Manipular e sintetizar – o aluno estará apto a aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correção e a criar imagens novas.

Interpretar e comunicar – o aluno conseguirá ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho variadas” (Ramos, Paulo, Barros e Reis, 2001: 10).

O programa tem como finalidades:

- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação.
- Desenvolver as capacidades de representação, de exploração e comunicação.
- Promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania.

- Desenvolver o espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente.
- Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência.
- Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.

Os objectivos gerais:

- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.
- Conhecer as articulações entre a percepção e o mundo visível.
- Desenvolver os modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.
- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.
- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.
- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
- Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.
- Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, vencendo idiosincrasias e posições discriminatórias.
- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outro.

- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes” (Ramos; Queiroz; Barros & Reis. 2001).

Quanto aos conteúdos são contemplados cinco grupos: visão, materiais, procedimentos, sintaxe e sentido, que se ramificam em diversos temas a desenvolver ao longo dos três anos do ensino secundário.

2.2.6. Descrição sumária das aulas

Durante a segunda fase do ensino supervisionado foram observadas duas aulas e leccionadas outras duas, com duração de 90 minutos cada à turma de Desenho do 12º F. Uma foi supervisionada consoante os objectivos das planificações (APÊNDICE IX) da professora titular de turma. Serão descritas as aulas e reuniões com o professor cooperante e todo o trabalho proposto pela Direcção da escola, tal como, o livro de oferta formativa, os painéis de divulgação e organização e a elaboração da Feira de escolas.

2.2.7. Festa do Patrono – 23 de Fevereiro de 2012

Após 150km, às 8h20 estávamos a entrar na ESRSI para a nossa primeira observação de aulas. Dirigimo-nos à sala de Desenho do 12ºF onde já se encontrava o professor Domingos e a professora Ana que nos informaram que não iria existir aula observada devido a estar destinada à montagem de trabalhos dos alunos para a festa do Patrono. Eu e a Rita não ficámos muito satisfeitos devido à falta de informação por parte dos professores em relação ao dia, pois vínhamos de longe. Para que não fosse a viagem em vão decidimos ir falar com a professora Vanda com intuito de nos reunirmos para começarmos a desenvolver o projecto da feira de escolas, anteriormente relatado.

A feira de Escolas consistia numa apresentação curricular à comunidade que seria apresentada no centro de exposições de Estremoz e tínhamos uma área de apresentação de 81 metros quadrados inseridos num recinto de 9m X 9m onde a proposta era como instalar as informações de cursos e apresentação de trabalhos.

Assim, foi-nos solicitado a actualização do livro de oferta formativa escolar, tal como a sua nova imagem gráfica, uma planta em 3D do stand (IMAGEM X e XI) a organização de espaço, três painéis (figura XII e XIII) de 3m X 2m com a informação sobre a escola, a oferta formativa e um outro sobre os cursos profissionais. O espaço da feira com a decoração, os painéis e o livro informativo seriam totalmente idealizados por nós e tínhamos a total liberdade criativa para o desenvolvermos. Apenas em relação ao espaço de feira pediu-nos que criássemos um espaço físico e interactivo para os novos cursos profissionais onde se destacava o de secretariado e o de robótica, dando de imediato a ideia de se construir um circuito para os robôs.

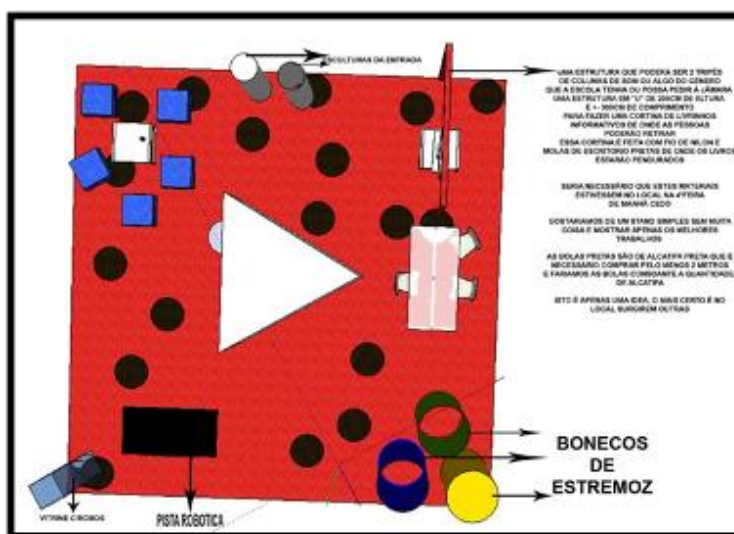


Figura X (Projecto 3D da feira de escolas - vista aérea)

Após a descrição do desafio da Feira de Escolas, mostramo-nos motivados e confiantes que iríamos fazer um bom trabalho criativo e gráfico do solicitado.

Seguidamente dirigimo-nos ao Gabinete Educativo para nos facultar os determinados documentos relacionados com a escola. Dizendo-nos que ainda não se encontravam disponíveis.

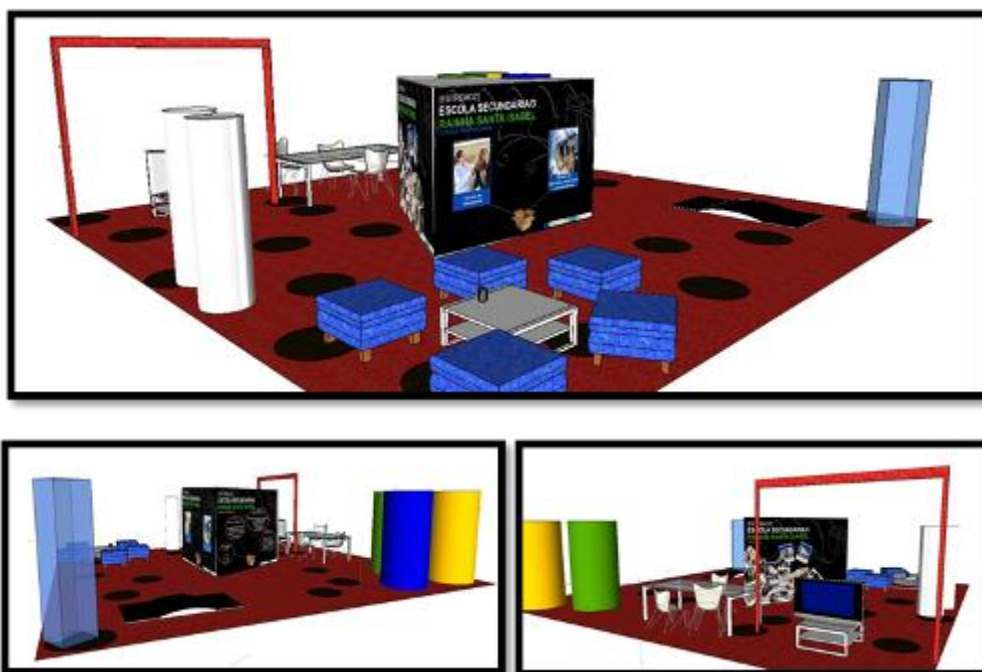


Figura XI (Projecto 3D da feira de escolas – vistas)

2.2.7.1. - 1 de Março de 2012

Observação de aulas

Após o sucedido da aula anterior foi-nos sugerido que observássemos apenas o 2º turno de Desenho do 12ºF que iniciava às 10h30.

Assim, juntamente com o professor Domingos Isabelinho sentámo-nos ao fundo da sala e observamos o decorrer da aula. A aula consistia em exercícios de exames nacionais de anos lectivos anteriores, a professora Ana projectou através do projector de vídeo os exames em questão e foi lendo os enunciados dos exercícios. Constatamos dificuldades de interpretação dos alunos em relação aos enunciados. A professora Ana ia esclarecendo as dúvidas surgidas e circulava pela sala a acompanhar e a aconselhar os alunos sempre que necessário. Foi uma aula meramente de carácter prático e de treino para exame nacional. Os alunos tinham um comportamento tranquilo e pouco interventivo, tal como a professora tinha caracterizado este 2º turno

previamente. No final da aula, levantamo-nos para ver os resultados junto aos alunos.

Após o final da aula fomos com o professor Domingos ver os trabalhos mais significantes realizado por alunos da ESRSI que se encontravam na escola para que pudéssemos escolher os que iriam ficar expostos na Feira de Escolas que estávamos a desenvolver. Seguidamente, dirigimo-nos mais uma vez e sem sucesso na recolha de informação pela parte do Gabinete Educativo. Disseram-nos que existiam documentos que ainda não estavam assinados e não poderiam sair do gabinete.

2.2.7.2. - 8 a 21 de Março de 2012

Organização da Feira de Escolas

Durante o período de 8 a 21 de Fevereiro foi mantido o contacto telefónico e via correio electrónico quase diário com a direcção para que organizássemos a Feira em sintonia e mantivéssemos o feedback dos trabalhos nas mais diversas fases, desde as fotos que iríamos colocar, para que houvesse autorização por parte dos alunos e seus encarregados de educação, com a psicóloga da escola que estava com a responsabilidade de nos dar as informações que seriam colocadas no livro informativo de oferta de escola e que fizesse as respectivas correcções do que mais lá aplicássemos. Com o professor de robótica foi negociada a construção da estrutura, que nós próprios a executamos em Setúbal, e no dia de montagem foi transportada até Estremoz, para que o percurso dos robôs funcionasse na perfeição.

Tudo o que nos foi solicitado foi concebido e concretizado com a saudação por parte da Direcção.



Figura XII (Painel I criado para Feira de Escolas)

Sentimos também, por parte de professores que estavam em feedback connosco, a satisfação pela nova imagem da escola transmitida apenas por via correio electrónico, os ficheiros onde constava todo o trabalho gráfico seguiriam de imediato para a gráfica onde iriam surgir os três painéis de três metros por dois metros e os respectivos livrinhos de oferta formativa (Ver CD-ANEXO 13).



Figura XIII (Painel II e III criado para Feira de Escolas)

2.2.7.3. - 22 de Março de 2012

A Feira da Escola

O acordado antecipadamente foi encontrarmo-nos com a professora Vanda que nos iria levar ao centro de exposições para que começássemos a monitorizar e executar toda a montagem do Stand de exposições. Sensivelmente às 9h30 já estávamos com a Professora Vanda no interior do

centro de exposições onde se encontravam indivíduos trabalhadores da Câmara de Estremoz e das Freguesias adjacentes às escolas onde montavam instalações de luz, palco e alcatifas, onde se limitavam os espaços respectivos a cada escola.

Também se encontrava à nossa espera a encomenda mais esperada do dia, os painéis, que vieram pela mão de um funcionário da gráfica de onde foi materializado. O nosso entusiasmo sentiu-se ao desenrolamos juntamente com a professora Vanda. Após a apreciação dos mesmos, começa a chegar mais algum mobiliário que tínhamos pedido antecipadamente entre os quais alguns que já estavam no local antes da nossa chegada. Começamos a montar os painéis com a ajuda de um funcionário da empresa, da qual a escola alugou uma estrutura para a colocação dos mesmos, foi montado em forma de prisma e colocado ao centro, apenas a estrutura e a colocação centrada dos painéis ocupou-nos toda a parte da manhã. Após um rápido almoço fizemos todas as áreas correspondentes à robótica, secretariado, repouso, trabalhos expositivos e uma instalação, que consistia numa cortina feita ao redor da televisão onde passava imagens da escola, dos respectivos livrinhos de onde os visitantes poderiam tirar o seu exemplar. Após um dia de montagem que finalizou às 17h, que coincidiu com a chegada do Director José Carlos Salema, que ficou surpreendido pela positiva com o resultado final, que nos felicitou mais uma vez pelo empenho e o trabalho desenvolvido.



Figura XIV (Feira de Escolas)



Figura XV (Feira de Escolas)

Aproveitando a nossa presença solicitou-nos mais um último painel, mas desta vez com uma dimensão de 8 metros por 3 metros que seria colocado numa área superior à vedação da escola onde passava bastante gente e constituiria numa “publicidade” à escola. Gostaria que o fizéssemos com bastante urgência para que estivesse concluído e montado na primeira semana após a interrupção lectiva da Páscoa, pois a ESRSI iria ter a visita da Avaliação de Escolas. Por entre tantos agradecimentos e satisfação do trabalho desenvolvido, como era de esperar, aceitamos de imediato o pedido.

2.2.7.4. - 23 de Março a 8 de Abril de 2012

Interrupção Lectiva

Durante este período de interrupção lectiva, como durante todo o estágio de ensino supervisionado, eu e a minha parceira de núcleo a Rita Melo, mais uma vez, trabalhamos em conjunto para o painel “publicitário” solicitada pela

direcção. Resolvemos manter a mesma imagem, pois esta fora bem aceite, apenas mudámos o formato e colocámos mais imagens entre as quais algumas com palavras de incentivo tais como: Qualidade; Inovação; Criatividade; Sucesso e Futuro. Após estar concluído e enviado com bastante dificuldade, visto ser um ficheiro muito "pesado" devido à qualidade gráfica para a impressão de uma imagem com estas dimensões, à última da hora apareceu uma aluna que não queria a sua fotografia divulgada no painel. Fez que voltássemos a rever o projecto de imediato para que ainda pudesse ir no próprio dia para a gráfica. Concluída esta operação, mais uma vez recebemos os agradecimentos da Direcção e a sua satisfação pelo resultado.



Figura XVI (Projecto de Painel Publicitário)



Figura XVII (Painel Publicitário criado para a Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel)

Dado o apoio que demos neste 2º Semestre de estágio à direcção da Escola Secundária Rainha Santa Isabel à feira de escolas, e às datas da festa do patrono, feriados nacionais e férias Páscoa que coincidiram com os dias de aulas em que observaríamos ou leccionaríamos não nos foi possível realizar o que desejaríamos. Assim, fizemos uma proposta ao Professor Domingos Isabelinho e à professora Ana que consistia na criação de um *site Weebly* com recursos auxiliares ao Diário Gráfico desenvolvido na disciplina de Desenho. Dadas as circunstâncias, os professores aderiram de imediato à nossa proposta. Iriamos elaborá-la no período de férias da Páscoa e leccionávamos em conjunto a primeira aula do 3º Período com o conteúdo do projecto.



Figura XVIII (www.desenho12.weebly.com)

2.2.7.5. Unidade Didáctica

2.2.7.5.1 “Olhar é diferente de ver”

O enquadramento deste projecto com o programa de Desenho A, 12º Ano, nos conteúdos e temas, está definido no conteúdo de procedimentos, com o tema processos de síntese, os temas “infográfico: utilização de filtros, articulação palavra/imagem e ensaios de paginação e impressão”. Devem ser abordados com aprofundamento (Ramos, Queiroz, Barros, Reis, 2001).

Existe outro aspecto que gostaria de salientar que é o tratamento da imagem, que é um âmbito de abordagem gráfica comum aos três anos curriculares e que, por vezes, não é possível na maioria das escolas, quer por carência de material informático disponível, quer por vezes, quando o material existe as licenças de utilização dos programas não está disponível. Para que não seja motivo para não usarmos esta prática, foram introduzidos softwares livres de licenças e navegáveis directamente no browser, sem necessidade de download que poderão usar em qualquer computador, pessoal ou não.

Em termos de finalidades do módulo, por exemplo, temos que “promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania” (Ramos, Queiroz, Barros, Reis, 2001). Este projecto consiste na aplicação de conhecimentos à realidade concreta, o trabalho desenvolve-se num contexto social. Os alunos estão a trabalhar para o colectivo.

2.2.7.6. A aplicação de softwares

Contextualizar os programas é crucial para uma compreensão total das suas funções e a sua correcta utilização. Nos nossos dias, um blogue é uma aplicação que qualquer pessoa pode utilizar, com mais ou menos sucesso, independentemente de ter ou não ter formação na sua utilização. É um programa de massas, laconicamente descrito como um diário. Este programa foi inserido devido a nos ser informado que os alunos não usavam o diário gráfico como modo de expressão e ou experimentação. Hoje em dia a introdução das TIC na unidade curricular do Desenho é pertinente, pois com um simples programa pode-se aplicar efeitos, colorir ou produzir uma melhor imagem, ou simplesmente para “brincar”.

Algumas referências foram dadas aos alunos para que essa compreensão fosse mais profunda. Basta explicar e demonstrar como determinado processo pode motivar e gerar competitividade num meio colectivo, onde os alunos através de uma plataforma, de um simples site Weebly têm recursos intuitivos de melhorar o seu Desenho e publicar no seu blogue pessoal. Assim o conceito

de Diário Gráfico passa uma determinada barreira pessoal para uma dimensão mais colectiva.

2.2.7.7. - 12 de Abril de 2012

2.2.7.7.1. “Olhar é diferente de ver”

Nesta aula, juntamente leccionada com a Rita Melo, houve a necessidade prévia de requisitar uma sala de informática onde se iria desenvolver esta aula de Desenho com base em recursos informáticos. A professora Ana e o Professor Domingos encaminharam-nos à sala destinada e assistiram à aula, facultando-lhes a planificação (ANEXO 14), o site (www.desenho12.weebly.com) criado e os diapositivos antecipadamente.

Como já conhecíamos os alunos não houve a necessidade de nos apresentarmos e apenas comunicamos-lhes que teriam uma aula auxiliada por dois professores, eu e a Rita. A minha colega de estágio começou por introduzir a aula com um diálogo sobre a temática a desenvolver, o Diário Gráfico. Explicou que criámos um site para a turma de Desenho, com recursos digitais, no intuito de auxiliá-los e motivá-los com propostas de actividades para a prática diária de um Diário Gráfico. Este tema foi novamente abordado por sugestão da professora titular, pois os alunos não lhe davam uso e poderia ser uma nova abordagem ao conteúdo, com o objectivo de os motivar dando-lhes novas perspectivas e novos modos de trabalhar.

Após a minha colega abordar o site que continha recursos de tratamento de imagem tais como o PIXLR e propostas de actividades semanais e actividades através de softwares informáticos com actividades pré-estabelecidas que os alunos poderiam desenvolver autonomamente, eu abordei a “gaveta” do Diário Gráfico, que iria consistir simplesmente nos link’s dos blogues pessoais dos alunos, que aí iriam publicar os exercícios propostos no site Weebly e os de autonomia individual.

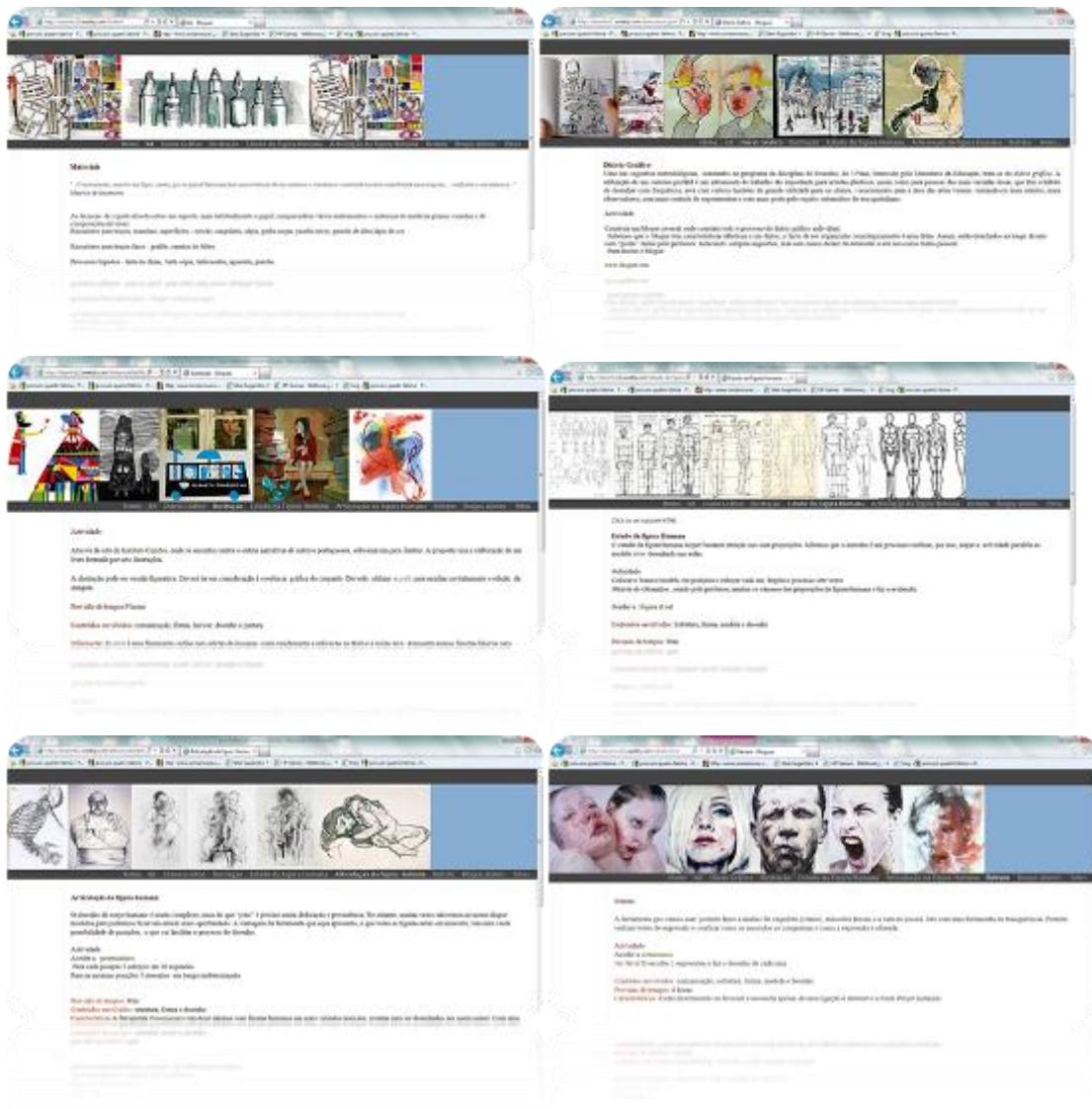


Figura XIX (Gavetas de recursos e actividades existentes no site criado)

Esta estratégia surgiu com o intuito dos alunos publicarem semanalmente, visto que quando a publicavam ficaria registado cronologicamente. Após o esclarecimento de dúvidas, os alunos mostraram de imediato interesse levando até uma certa competição entre eles de qual o blogue mais original, após terem visto exemplos de um bom diário gráfico. Ao longo da construção dos blogues pessoais fui dando mais ideias de como poderiam ser originais e como poderiam manter um blogue “vivo” e também alertei que não era necessário publicar, desde que pudessemos avaliar pessoalmente, trabalhos que não queriam divulgar na Internet.

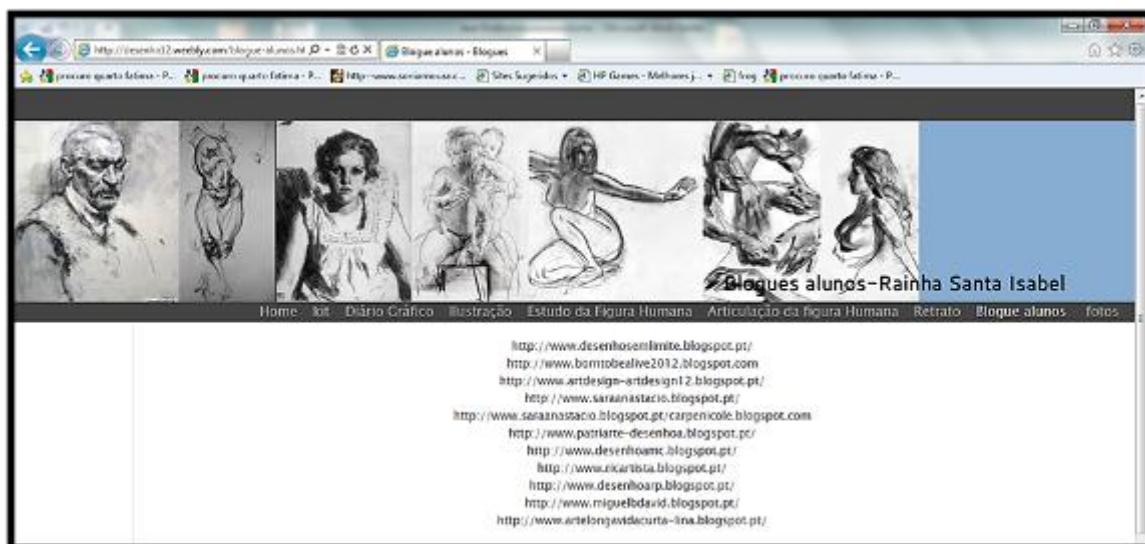


Figura XX (Link´s dos blogs dos alunos)

Nos últimos dez minutos de aula, projectamos um PowerPoint (Ver CD-ANEXO 15) sobre o diário gráfico com exemplos que poderiam desenvolver com o intuito de os motivar e despertar para uma boa comunicação através do Desenho. A aula foi terminada com o entusiasmo das ideias que trocavam entre colegas. Após uma semana todos os alunos já tinham publicado diversos itens do seu diário gráfico.

2.2.7.8. - 26 de Abril de 2012

Para este dia, contactámos previamente o professor Domingos e a professora Ana para que definíssemos se a aula seria observada, orientada ou reuníssemos para prepararmos as aulas supervisionadas. Foi decidido pelo professor que seria feita uma reunião para que tudo funcionasse pelo melhor.

Comunicou que a aula anteriormente orientada foi bastante positiva, no entanto, alertou para o atraso de cinco minutos, mas que compreendia devido ao facto de termos que mudar para uma sala de informática e um outro factor menos positivo foi de não termos chamado a atenção de dois alunos que chegaram após o tempo de tolerância. Os pontos fortes na sala de aula estavam evidentes nos recursos digitais apresentados pela sua originalidade e

criatividade. No decorrer da aula surgiram algumas dificuldades nos alunos que foram satisfatoriamente desfeitos devido ao nosso procedimento.

Após a conversa sobre o desempenho, apresentamos as nossas planificações e recursos em desenvolvimento para a seguinte aula supervisionada pelo professor Tomás Ferreira. O professor Domingos como anteriormente já nos tinha mencionado, nunca leccionou a disciplina de Desenho e não possuía um vasto conhecimento sobre o programa e sugeriu irmos ao encontro da professora Ana. A Professora titular da disciplina concordou com tudo o que tínhamos programado e sugeriu que dessemos as aulas supervisionadas num só dia, eu no primeiro turno às oito e trinta da manhã e a Rita Melo no segundo turno que iniciava às dez e vinte e cinco, após concordância total deu-se por concluído o nosso encontro.

2.2.7.9. Unidade Didáctica

2.2.7.9.1. “Traçados Ordenadores”

Os traçados ordenadores são uma estrutura básica, uma grelha que atribui um equilíbrio, uma composição correcta ao plano.

Por exemplo, podemos considerar que as medianas de um quadrado representam a sua estrutura imóvel e as diagonais do quadrado a sua estrutura activa. São linhas, ou composição de linhas, que poderão ter expressões diferentes, estáticas ou dinâmicas. À medida que vamos acrescentando mais linhas paralelas vamos mudando o cariz expressivo. Estas estruturas têm uma enorme importância, pois actuam como processo harmonizador da mensagem visual, seja ela gráfica ou não.

Estes princípios influenciaram a arte, a arquitectura e o design ao longo dos tempos. Inserindo os princípios matemáticos de proporção, razão e progressão aos traçados ordenadores criaremos grelhas ou estruturas, que se multiplicam proporcionalmente.

São estes princípios de objecto de estudo conforme o programa de Desenho A do 12º Ano, numa perspectiva de sensibilização.

A sua compreensão é exemplo das concordâncias entre arte, arquitectura, design, matemática, geometria e a própria natureza. Esta transdisciplinaridade, só por si é motivo para a escolha, pois, qualquer futuro profissional na área de Artes Visuais que os alunos escolham, será um conteúdo que vai mudar as suas formas de ver e representar.

É ainda comum constatar-se dificuldades em alunos de 12^o ano no que respeita à composição. As dúvidas constantes na localização e distribuição de elementos visuais, gráficos, imagem e/ou texto, são comuns. Existe a dificuldades em estabelecer uma hierarquia, balanço ou equilíbrio entre os vários elementos. Todos os princípios bem organizados contribuem para o impacto visual e uma correcta leitura daquilo que queremos comunicar.

Sem estes princípios são frequentes bloqueios no processo criativo, e isto acontece, em grande parte porque o aluno não compreendeu os princípios visuais que guiam uma composição racional e geométrica ou porque esses princípios não foram leccionados com o aprofundamento necessário. Esses princípios incluem um entendimento de sistemas de proporção clássicas como a secção de ouro, os rectângulos dinâmicos, a simetria dinâmica, assim como a razão, a proporção e as inter-relações da forma e as linhas reguladoras. Todos estes princípios ajudam no processo de design e dão coerência ao design através da estrutura visual.

Ora, tudo isto pode ser minimizado com a utilização de traçados ordenadores que conferem uma estrutura visual, racional e harmónica. Os traçados ordenadores são uma poderosa ferramenta de ajuda e auxílio aos alunos aos aspectos focados acima. Assim, sem nenhuma dúvida escolhi este tema, para clarificar e ajudar os alunos em futuros projectos, mesmo sabendo que nunca iria ser aprofundado de uma forma total.

A disciplina Desenho A é a disciplina base, no Curso Científico Humanístico de Artes Visuais.

Segundo o que está descrito no programa de Desenho A (Ramos, Queiroz, Barros, Reis, 2001) podemos fazer uma visão geral das áreas, conteúdos e temas da disciplina de Desenho A 10^o, 11^o e 12^o Anos desta forma:

Áreas

- Percepção visual
- Expressão gráfica
- Comunicação visual

Conteúdos

- Visão Temas: percepção visual e mundo envolvente
- Materiais Temas: suportes; meios actuantes; infografia
- Procedimentos Temas: técnicas; ensaios
- Sintaxe Temas: forma; cor; espaço e volume; movimento e dinamismo
- Sentido Temas: interpretação e uso

No programa de Desenho A, 12º Ano, a unidade traçados ordenadores está incluída no conteúdo sintaxe, tema forma, “Traçados ordenadores: regra de ouro; consonâncias musicais; outros sistemas geométricos ou matemáticos.”. Conteúdo de sensibilização. Quando se refere que o item é de aprofundamento ou de sensibilização é explicado da seguinte forma: “Quanto aos conteúdos, há o cuidado de, considerando as condicionantes etárias, tanto a nível cognitivo como psicomotor, e a experiência média adquirida previamente, destringir entre os que são de sensibilização e os que são de aprofundamento.” (Ramos, Queiroz, Barros, Reis, 2001).

Assim, sumariamente antes de relatar a última aula supervisionada, a par da transmissão de conhecimentos, os alunos foram solicitados para executarem a construção do rectângulo de secção áurea e a subdivisão do quadrado estabelecendo o seu *ponto focal*, onde os alunos executaram uma composição livre com as dimensões de duas sucessões da sequência de Fibonacci, ou seja, um rectângulo de 21cm x 34cm.

2.2.7.10. - 3 de Maio de 2012

Cinco da manhã, dia da supervisão, noite chuvosa e 150km para percorrer minutos antes das 8h já estávamos na deserta manhã em Estremoz. Às 8h20 estava a preparar a sala para que estivesse ao meu gosto e na melhor

O silêncio pairou durante uns segundos, até que se ouviu uma voz baixinha com alguma insegurança: “377”. Para meu espanto a resposta estava correcta e de imediato, após a resposta da aluna, praticamente todos os alunos perceberam a lógica e disseram quase em coro que era a soma dos dois últimos números sequenciais. De imediato expliquei-lhes a fórmula matematicamente e que chegaríamos ao número de 0,618 que se chamava de Phi e que se encontrava em toda a parte do Universo, desde o espaço, natureza, matemática, física, arte e design e que era intitulado por artistas renascentistas como a *fórmula de Deus*. Para que ficassem mais motivados com o “fenómeno” desta proporção, foi mostrado um pequeno filme (CD-APÊNDICE X) onde apresentava esta fórmula na Natureza. A motivação por saber mais era evidente após o visionamento do mesmo. O exercício proposto (ANEXO 18) foi de encontrar o ponto focal através do rectângulo dourado e elaborar um ou mais esboços em que o ponto principal das suas composições seguisse essa criação lógica, evidentemente depois de explicar como o obteriam.



Figura XXII (Aula de Traçados Ordenadores)

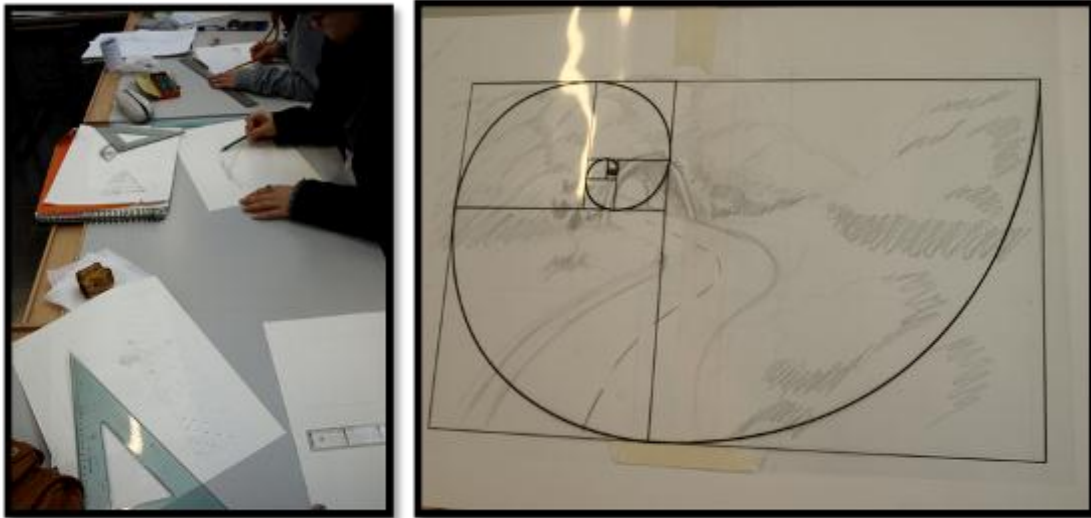


Figura XXIII (Aula de Traçados Ordenadores)

A aula continuou com vertente prática e nos dez minutos finais elaborou-se um Quiz de Aprendizagem (Ver CD-ANEXO 19) onde os alunos puderam de uma maneira divertida finalizar a sessão. Após os meus agradecimentos e as congratulações pelos trabalhos desenvolvidos, os alunos despediram-se com um sorriso nos lábios e questionaram se já não vinha mais.

2.2.9. Avaliação das Unidades

A avaliação é contínua e integra a modalidade formativa, sumativa e diagnóstica. A avaliação formativa advém da constante e desejável interacção professor/aluno e deve potenciar novas aquisições de conceitos, conhecimentos e competências. A avaliação sumativa traduz a evolução do aluno na disciplina, devendo ser localizada no tempo conforme as planificações efectuadas para a disciplina. A avaliação diagnóstica abrange os vários domínios.

São objecto de avaliação:

Instrumentos de Avaliação	Classificações
<p>São objectos de avaliação:</p> <p>a) Os desenhos, concretizações gráficas ou objectos produzidos no âmbito da disciplina;</p> <p>b) Os textos eventualmente produzidos (relatórios, comentários, trabalhos, textos de reflexão, entrevistas)</p> <p>c) A concretização da disseminação junto da própria turma, escola ou meio;</p> <p>d) Provas com carácter prático;</p> <p>e) Os desenhos, concretizações gráficas ou objectos realizados como tarefas individuais de reforço e sedimentação de conceitos e/ou práticas fora do âmbito da aula (diário gráfico, trabalhos de casa e portfólio)</p>	0 a 20 Valores

Quadro 3 (Instrumentos de avaliação)

ATTITUDES E VALORES 10%	Domínios	Indicadores	Pesos
	<i>(competências pessoais e sociais)</i>		
	Respeito	<ul style="list-style-type: none"> Cumprir as regras estabelecidas; Relacionar-se com os outros de forma educada; 	2
	Empenho	<ul style="list-style-type: none"> Cumprir as directrizes dadas e Concretizar de forma adequada as actividades propostas; Propor situações novas e mostrar interesse na realização das actividades. 	2
	Participação	<ul style="list-style-type: none"> Responder às questões colocadas nas aulas; Apresentar questões ou dúvidas. 	2
	Responsabilidade	<ul style="list-style-type: none"> Assumir as consequências pelos seus actos; Cumprir de forma adequada as decisões tomadas; 	1
	Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> Tomar decisões adequadas; gerir de forma correcta a sua aprendizagem; <input type="checkbox"/> Manifestar gosto por saber mais, conhecer e aprender. 	2
	Cooperação	<ul style="list-style-type: none"> Coopera em tarefas e projectos comuns. Presta ajuda aos colegas. 	1

Quadro 4 (Atitudes e valores)

	Modalidades 1	Domínios 2		Instrumentos	Pesos
		(Competências Transversais)	(Competências Específicas)		
COMPETÊNCIAS E SABERES 90%	Sumativa	Expressão escrita e oral Utilização das TIC	Cognitivo · Conceitos 1 Psico-motor · Práticas 2	Provas escritas e/ou práticas; trabalhos de projecto;	20
	Formativa		Cognitivo · Conceitos 1 Psico-motor · Práticas 2	Trabalhos realizados durante as actividades em aula ou delas decorrentes (investigação; trabalhos individuais/grupo) Diário gráfico	60 5
	Diagnóstica		Abrangente dos vários domínios	Observação directa das operações realizadas durante a execução dos trabalhos; Intervenções orais, atitudes reveladas durante as actividades.	5

Quadro 5 (Competências e Saberes)

1 Conceitos: No âmbito da linguagem plástica e visual, indicados no programa, com relevância para os de aprofundamento em cada ano.

2 Práticas: Análise e representação de formas e estratégias de composição e transformação formal, utilização expressiva de materiais e meios de registo, criatividade na resolução de problemas.

A avaliação da unidade foi elaborada através dos critérios de avaliação da professora Ana. Toda a avaliação era da sua responsabilidade. A conclusão a que chegamos é que os resultados das Unidades foram muito bons em todos os objectos de avaliação em que constavam os critérios dos módulos.

Conclusão

A dificuldade que encontrei inicialmente prende-se com os documentos de avaliação dos alunos, documentos de carácter formativo, sumativo e diagnósticos pré estandardizados, que foram logo determinados num primeiro encontro. Reconheço a importância dos mesmos, mas estando a leccionar Educação Visual e Desenho, como é possível avaliar a criatividade estandardizada?

É importante que a avaliação não seja estandardizada, como referi anteriormente. Com este método, o processo de aprendizagem não é reflectido num desenvolvimento. O professor, mantendo uma atitude estandardizada dos elementos de avaliação dos projectos criados pelos alunos, não complementa o elemento da criatividade.

Observei, nas aulas observadas, que ambos os professores titulares de turma enfatizavam os critérios de avaliação na entrega dos enunciados ou na proposta verbal do exercício. Compreendo em parte, mas fundamento no tema aprofundado da primeira parte deste relatório que os alunos, não tendo a pressão da avaliação, sentem-se mais confortáveis em expressar ideias criativas. A comunicação e as opiniões dos alunos sobre avaliação são um papel importante na projecção de um ambiente e um processo criativo.

Após o estágio de ensino supervisionado, a minha reflexão sobre os conteúdos abordados em consonância com a planificação dos docentes titulares de turma, levou-me à necessidade de associar as TIC aos conteúdos didácticos, quase inconscientemente. Esta estratégia permitiu ampliar o espaço de aula para além daquilo que normalmente ele é, isto é, os alunos tiveram a possibilidade de se sentirem livres e autónomos para serem criativos através das diversas propostas de exercícios que poderiam escolher através das plataformas criadas, sem estarem limitados pela ideia de avaliação e tomarem os riscos necessários para chegarem autonomamente a uma melhor solução.

Ao criar este tipo de ambiente confortável e seguro, promove-se a diversidade das ideias e dos resultados finais e ainda a sua divulgação pública. Pode servir para podermos apreciar online os seus estilos criativos individuais.

No entanto, os professores são responsáveis por dar notas aos alunos, e precisam consequentemente lidar com as políticas actuais. Por este motivo, e implicação final, as notas finais foram da responsabilidade dos professores titulares de turma.

Acredito, como futuro docente profissionalizado, que irei examinar métodos adicionais para lidar com esta exigência e criar procedimentos que façam parte de um suporte avaliativo mais inovador que se integre harmoniosamente no processo criativo.

Referências Bibliográficas

- ABREU, M. C. e Masetto, M. T. (1990). *O professor universitário em aula*. São Paulo: MG Editores Associados.
- BRANCO, A.V. (2004). *Auto-motivação*. Coimbra: Quarteto.
- COLE, D. G., Sugioka, H. L. e Yamagata-Lynch, L. C. *Supportive classroom environments for creativity in higher education*.
(Consulta de Novembro de 2011: em <http://www.itari.in/categories/creativity/17.pdf>)
- COSTA, E. (2001) *Estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do ensino fundamental: Implicações para a prática educacional*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Brasil.
(Consulta de Novembro de 2011 em: <http://pt.scribd.com/doc/6797264/As-Estrategias-de-Aprendizagem-e-a-Ansiedade-de-Alunos-Do-Ensino-Fundamental>).
- FELDER, R. M. e Brent, R. (2001). *Effective Strategies for Cooperative Learning*. The Journal of Cooperation and Collaboration in College Teaching, 10(2), pp.69-75. (Consulta de Janeiro de 2012 em:<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7351/1/Discurso,m-etodologia%20e%20tecnologia.pdf.pdf>).
- FONTAINE, A. M. (1988). *Motivação e realização escolar em função do contexto social*. Revista Portuguesa de Pedagogia, 22 (2), pp. 313-336.
- FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- GADOTTI, M. (1999). *Convite à leitura de Paulo Freire*. Scipione, São Paulo.
- GUNDRY, J. (1992). *Understanding collaborative learning in networked organizations*.
In: Kaye, A. R. (Ed.). *Collaborative Learning through Computer Conferencing: The Najaden Papers*. Springer-Verlag, Berlin.
- HOHMANN, M. e Weikart, D. (1997). *Educar a Criança*: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

- ISAKSEN, S. G., & Murdock, M. C. (1993). The emergence of a discipline: Issues and approaches to the study of creativity. Artigo de Supportive Classroom Environments For Creativity in Higher Education. (Consulta de Novembro de 2011 em: <http://www.itari/categories/creativity/17.pdf>)
- LAEVERS, F. (1994). *The Leuven Involvement Scale for Young Children*. Leuven University Press, Leuven.
- LOPES, A. et al. (1991) *Repensando a Didática*. São Paulo: Papirus,
- LUBART, T. (2007). *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre; Artmed,
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (org.), s.d. [2001a], “Ajustamento do Programa de Educação Visual 3º Ciclo”. *Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular: Ensino Básico: Programas e Orientações Curriculares*. (Consulta de Março de 2012 em: http://www.dgfdc.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCurriculares_3EA.aspx.)
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (org.), s.d. [2001b], “Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais: Educação Artística”. *Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular: Ensino Básico: Programas e Orientações Curriculares*. (Consulta de Março de 2012 em: http://www.dgfdc.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCurriculares_3EA.aspx.)
- MORGANETT, R. S. (1995). *Técnica de intervención psicológica para adolescentes*. Barcelona.Martínez: Roca
- Mullen, B., Johnson, C. e Salas, E. (1991). *Productivity loss in Brainstorming Groups: a meta-analytic integration*. Basic and Applied Social Psychology, 12(1), pp. 3-23.
- RABAÇA, C. A. e Barbosa, G. G. (2002). *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro : Editora Campus
- RENZULLI, J. S. e Reis, S. M. (1997). *The schoolwide enrichment model*. 2nd ed. Creative Learning Press, Mansfield Center, CT.

- RUEDA, J. (1992). *Collaborative learning in a large scale computer conferencing system*. (Consulta de Janeiro de 2012 em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7351/1/Discurso,metodologia%20e%20tecnologia.pdf.pdf>)
- SHAUGHNESSY, M. F. e Evans, R. (1987). *The meaningful personality*. International Forum for Logotherapy, 10(1), pp. 46-49. (Consulta de Dezembro de 2011 em: In:<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5208.pdf>).
- TAROUCO, L., Amoretti, S., Keller, R., Garrido, S., Machado, A. e Vaguetti, L. (2003). *Webstorming: Brainstorming in the Web*. In:Crawford C. et al. (eds.), *Proceedings of Society for Information Technology and Teacher Education International Conference 2003*. AACE, Chesapeake, VA.
- TORRANCE, E. P. e Myers, R. E. (1970). *La enseñanza creativa*. Aula XXI, Educación Abierta/Santillana, Madrid.
- TREFFINGER, D. (1987). *Research on creativity assessment*. In: Isaksen, S. G. (ed.), *Frontiers of creativity research*. Bearly, Buffalo, NY.
- WALLACH, M. A. e Kogan, N. (1965). *Modes of Thinking in Young Children : A study of the creativity-intelligence distinction*. Holt, Rinehart & Winston, New York.
- WILSON, R., Woods, L. e Gaff, J. (1974). *Social-psychological accessibility and faculty-student interaction beyond the classroom*. *Sociology of Education*, 47, pp. 74-92. (Consulta de Dezembro de 2011 em : <http://translate.google.pt/translate?hl=pt-PT&sl=en&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.catl.uwa.edu.au%2Fdata%2Fpage%2F167705%2FStruttandFullerPaper.doc&anno=2>).

ANEXOS

(Anexo 1; 3; 6; 8; 10; 13; 15; 17 e 19 ver em CD-ROM)

ANEXO 2 Planificação “A Janela e o Tempo”

ANEXO 4 Imagens Insectos

ANEXO 5 Planificação "A Forma e a Proposta"

ANEXO 7 Enunciado "A Forma e a Proposta"

ANEXO 9 Planificação "A Forma e a Propostall"

ANEXO 11 Enunciado “Banda Desenhada”

ANEXO 12 Material didático “Pranchas”

ANEXO 14 Planificação " Olhar é seguramente diferente de ver"

ANEXO 16 Planificação "Traçados Ordenadores"

ANEXO 18 Enunciado "Traçados Ordenadores"

APÊNDICES

(Apêndice VI; VII e X ver em CD_ROM)

APÊNDICE I – Planificação inicial

APÊNDICE II – Planificação final

APÊNDICE III – Inquérito aos alunos

APÊNDICE IV – Enunciado

APÊNDICE V – Excerto Franz Kafka

APÊNDICE VIII – Caracterização de turma

APÊNDICE IX – Planificação